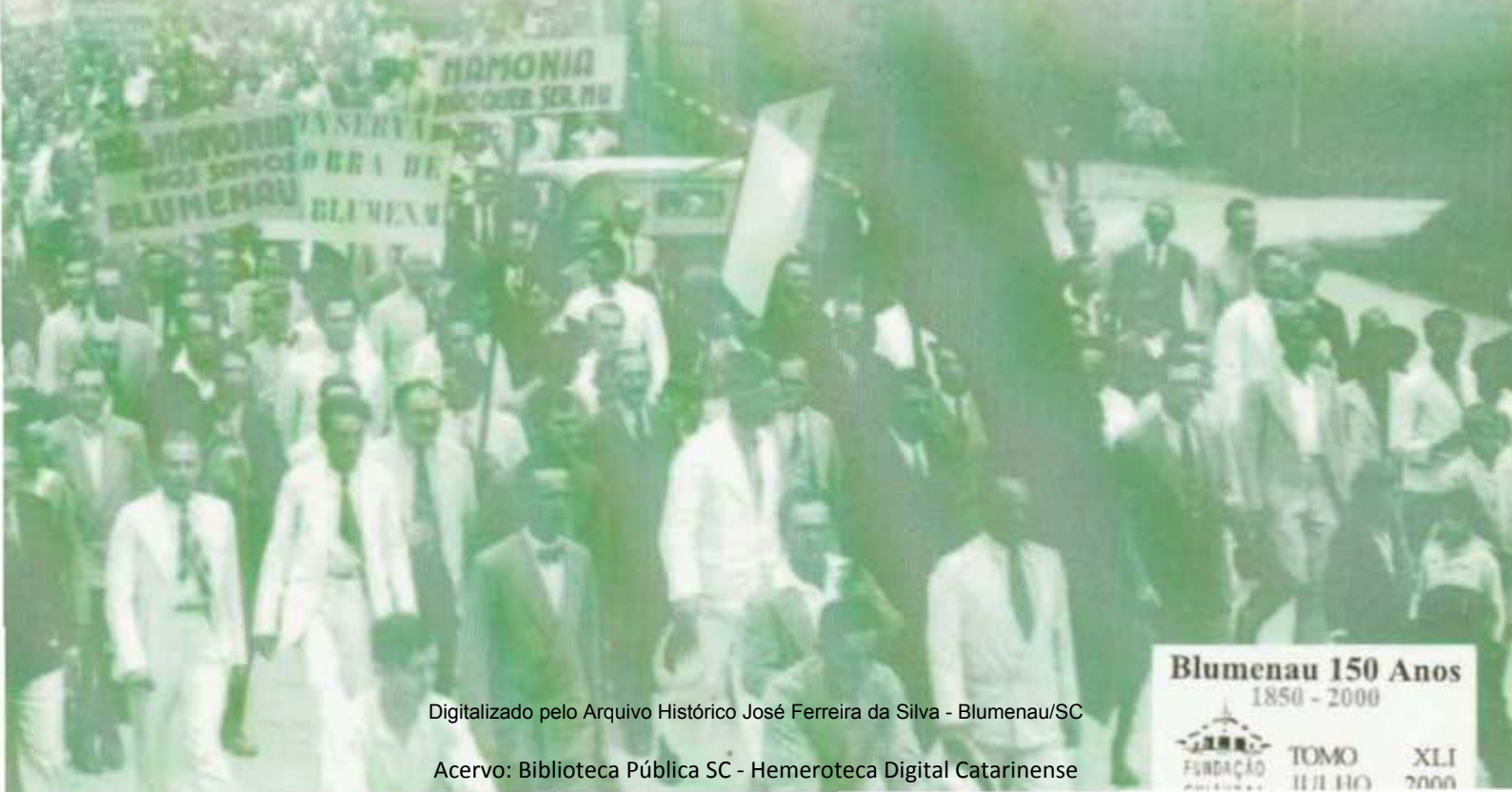


BLUMENAU

em cadernos



Blumenau 150 Anos
1850 - 2000



TOMO
III HO

XLI
2000

BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente

Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry

Diretoria de Cultura

Vilson do Nascimento



Revista "BLUMENAU EM CADERNOS",
fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

COPYRIGHT © 2000 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA “BLUMENAU EM CADERNOS”
ENDEREÇO

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425

CEP.: 89015-010 - Blumenau – SC

Fone/fax: (047) 326-6990

E-Mail: funculbl@zaz.com.br

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga

Acervo: Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”

Mapa dos distritos desmembrados de Blumenau;

Rua 15 de Novembro durante o

“Movimento por Blumenau Unido” – 1934

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Ivo Marcos Theis (Presidente)

Annemarie Fouquet Schünke, Cezar Zillig,

Cristina Ferreira, Méri Frötscher,

Urda Alice Klueger

DIGITAÇÃO

Vitor Alexandre da Cruz

DIAGRAMAÇÃO/EDITORAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento

Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

SUMÁRIO

Documentos Originais – Calendários

Blumenau e o seu futuro	07
-------------------------------	----

Memórias

O sesquicentenário <i>Sigfried Carlos Wahle</i>	18
--	----

Fragmentos de Nossa História Local

Completa a estrutura do edifício Visconde de Mauá	21
---	----

Blumenau Rumo aos 150 Anos de Fundação

Dr. Blumenau e seu projeto colonizador <i>Dr. Hermann Blumenau</i>	24
---	----

Entrevistas

Memórias de Bernardo Wolfgang Werner – continuação	36
--	----

História & Historiografia

O crescimento do mercado interno numa colônia do Império –
O caso de Blumenau 1850 – 1880 (Parte 3)

Anselmo Antônio Hillesheim 42

Pesquisas & Pesquisadores

A História Natural e a questão da diferença

Marlon Jeison Salomon 52

Biografias

Maria Altenburg – mulher blumenauense

Grete Medeiros 57

Autores Catarinenses

Estórias de Charlot / Patrianova / Lobato em Santa Catarina

Enéas Athanázio 61

Documentos Originais - Calendários

Blumenau e o seu futuro

TEXTO:

RICHARD
HINSCH

Artigo publicado no *"Blumenau's Illustrierter Familien-Kalender"* (Calendário Ilustrado da Família Blumenauense), editado em 1914 (edição única), nas oficinas tipográficas do *"Blumenauer Zeitung"*.

O autor destaca aspectos ligados à economia do município, ponderando a respeito do abastecimento de energia elétrica, ampliação da linha férrea e indústrias de tecelagem. Apresenta também uma avaliação geral do município em seus vários aspectos.



Cachoeira do Salto



Tradução: Brigitte Kretzschmar.

Blumenau und seine Zukunft

Wenn vor einigen Monaten es jemand unternahm, unserem Blumenau eine gute Zukunft zu prophezeihen, so konnte er mit Gewißheit darauf rechnen, daß man ihm direkt ins Gesicht lachte, und besonders, wenn er auf den Weiterbau der Bahn seine Ansichten stützte. Heute, wo man jedermann den Beginn der Arbeiten des Weiterbaues vor Augen führen kann, ist wohl wieder der Glaube an unsere Zukunft mehr erstarkt, doch ist die Zahl der Pessimisten immer noch groß genug, die unserm Städtchen nur einen vorübergehenden Aufschwung während des Bahnbaues vorher-sagen.

Ist dieser Pessimismus wirklich berechtigt, - sollte unserm Blumenau wirklich ein ewiges Blühen im Verborgenen beschieden sein? - Das ist eine Frage, die uns sehr am Herzen liegt und die hier zwar nicht entschieden, jedoch ein wenig beleuchtet werden soll.

Von vornherein sei gesagt, daß wir nicht zu den Zweiflern gehören, sondern sogar sehr stark an eine baldige intensive Entwicklung Blumenaus glauben.

Von den Schwarzsehern wird jetzt, nachdem der Ausbau der S. Catharina Eisenbahn außer Frage steht, die Meinung vertreten, daß sich Handel und Industrie nach unserm Nachbarstädtchen Itajahy ziehen werden und daß Blumenau an der künftigen großen Eisenbahn nur noch eine bedeutungslose Haltestelle bleiben werde. Daß Itajahy als Hafenstadt und Ausgangsort der Bahn in eine ungeahnte Entwicklungsperiode eintreten wird, ist außer Zweifel, aber das wird uns nicht schaden, kann uns im Gegenteil nur nützen. Je volkreicher unsere Umgegend wird, desto besser für uns, denn wir gewinnen dadurch immer neue, leicht zu erreichende Absatzgebiete für unsere Erzeugnisse. Wir dürfen also der Nachbarstadt ohne Neid eine gute Entwicklung wünschen, umsomehr als uns noch ein großes Feld offen steht, auf dem sie uns den Rang nie ablaufen wird, das ist die Industrie. Hierfür ist Blumenau der gegebene Platz des Itajahytales, vielleicht des ganzen Staates. Und das dank der Kräfte, die uns die Natur in so reichem Maße beschert hat; wir meinen die bedeutenden Wasserfälle, die der Itajahy und seine Nebenflüsse in unserem Munizip bilden.

Die Kraft der Zukunft ist die Elektrizität, besonders in einem kohlenarmen Lande, wie Brasilien es ist. Ueberall, wo Wasserkräfte zur Verfügung stehen, schreitet die Verdrängung der Dampfmaschine unaufhaltsam vorwärts. Mit Hilfe von Turbinen und der Dynamomaschine wird die lebende Wasserkraft in elektrische Kraft umgewandelt, die dann durch Fortleitung auf nähere und weitere Entfernungen hin, den industriellen Anlagen zum Betrieb der Arbeitsmaschinen sowie Stadt und Land für Gemeinzw Zwecke dienstbar gemacht wird. Bis jetzt wurde hier erst ein kleiner Nebenfluß des Itajahy dieser Art ausgenutzt, jedoch werden wir binnen kurzem ein Elektrizitätswerk haben, das zu den größten bislang in Brasilien errichteten gehört. Durch Ausnutzung der Wasserfälle des Itajahy, etwa 8 Kilometer oberhalb der Stadt,

Blumenau e o seu futuro

Há alguns meses atrás, quem tomasse a iniciativa de prever um futuro promissor para Blumenau, certamente seria ridicularizado, especialmente se sua previsão fosse baseada na continuidade da construção da ferrovia. Atualmente, o reinício dos trabalhos de sua construção fortificou a fé em nosso futuro, porém, ainda é bastante elevado o número de pessimistas que prevê o progresso para a nossa pequena cidade apenas durante a construção da ferrovia.

Esse pessimismo seria justo? Não estaria Blumenau realmente destinada a prosperar? Esta é uma questão que nos afeta muito e não deve ser decidida, mas pode ser melhor esclarecida.

Afirmamos de antemão que não fazemos parte desse grupo de céticos e sim, acreditamos veementemente no desenvolvimento intensivo de Blumenau.

Após a confirmação da construção da estrada de ferro, os pessimistas são de opinião que o comércio e a indústria deverão ser transferidos para a pequena cidade de Itajaí e Blumenau não passará de um ponto de parada insignificante.. Como cidade portuária e local de partida de trem, Itajaí, sem dúvida, atravessará um inesperado período de desenvolvimento, porém, isso não nos prejudicará. Muito pelo contrário, somente nos beneficiará. Quanto mais populosa nossa circunvizinhança, maior mercado teremos para nossos produtos. Desejamos, sem invejar a cidade vizinha, um ótimo desenvolvimento, pois se abrirá um vasto campo para nós, onde a indústria nunca deixará de se sobressair. Sob esse aspecto, Blumenau é a localidade que mais se destaca no Vale do Itajaí e quem sabe, em todo o Estado. Isso graças às forças da natureza com as quais fomos ricamente agraciados: referimo-nos às significantes quedas d'água formadas pelo Itajaí e seus afluentes em nosso município.

A eletricidade é a força do futuro, especialmente num país pobre em carvão como o Brasil. Gradativamente, a máquina a vapor ficará de lado onde houver disponibilidade de energia hidráulica. Com o auxílio de turbinas e dínamos, a força hidráulica será transformada em força elétrica, que através da sua condução a curta e longa distância, abastecerá instalações industriais, movendo máquinas, bem como abastecendo as comunidades da cidade e do campo.

Até o momento, apenas um pequeno afluente do Itajaí foi explorado nesse sentido, porém, brevemente teremos uma das maiores usinas elétricas do Brasil. Através da exploração das quedas do Itajaí, aproximadamente 8km acima da cidade, a usina, já iniciada, fornecerá cerca de 20 mil cavalos-vapor após a sua conclusão.

werden nach dem Vollständigen Ausbau des schon begonnenen Werkes etwa 20 Tausend Pferdekkräfte zur Verfügung stehen.

Außer diesen in der Nähe der Stadt gelegenen Fällen harren noch andere, entlegene Wasserkräfte der Ausbeutung, so der Salto do Pilão, ein bedeutender Fall, den der Itajahy an der Subida bildet.

Zu den bedeutendsten Wasserfällen des ganzen Staates gehört entschieden auch der Fall des neuen Beneditto. Er ist in 1½ Stunden von der Santa Maria Fahrstraße zu Fuß zu erreichen. Inmitten einer großen Fläche devoluten Landes gelegen, fällt er 36 Meter tief in großen Strahlen herab; von wo er abermals etwa 20 Meter fällt und auch weiterhin immer noch kleinere Fälle hat. Nach Herrn von Skinner birgt der Fall bei kleinstem Wasser eine Kraft von 12000 Pferdestärken. Weiter unten hat der Beneditto nochmals einen starken Fall, der ebenfalls eine ausbeutungsfähige Kraft birgt. – Von Bedeutung sind auch die Fälle des Santa Maria und des Ceder, die bei rationeller Ausnutzung ebenfalls Tausende von Pferdestärken liefern würden.

Außerdem gibt es noch zahlreiche mehr oder weniger starke Wasserfälle, die hier aber nicht alle erwähnt werden können.

Das schon vorher erwähnte, bereits bestehende Elektrizitätswerk liegt an dem Wasserfall des Gasparinho und gehört Herrn F. G. Busch, dem die Munizipalkammer ein Privileg von 25 Jahren (nur für das Stadtgebiet) erteilt hat. Die Höhe des Wasserfalles beträgt 57, 60 Meter, die Wassermenge 330 Liter pro Sekunde. Zwei Turbinen – jede zu 152 Pferdestärken – setzen die Kraft des Wassers in Elektrizität um, die hauptsächlich Beleuchtungszwecken dient, da Kraftabgabe bei der verhältnismäßig geringen Menge nur für die Kleinindustrie in Frage kommen kann.

Durch den Bau des großen Elektrizitätswerkes werden sich künftig auch die größeren Fabriken der elektrischen Kraft bedienen können. Bis zum Mai 1914 wird das Werk in Betrieb gesetzt werden und zunächst 4000 Pferdestärken liefern können. Für die Einstellung von zwei weiteren Turbinen, jede zu 2000 Pferdestärken, sind ebenfalls alle Vorbereitungen getroffen, sodaß das Werk in seiner heutigen Anlage eine Kraft von 8000 PS liefern kann. Für eine weitere Ausbeutung sind erst wieder umfassende Arbeiten zur weiteren Eindämmung des Wassers nötig.

8000 PS, das ist schon eine bedeutende Kraftmenge, und wenn die nicht mehr ausreicht, dann ist Blumenau's Industrie ein gut Stück vorwärts.

Augenblicklich übersteigt der gesamte Kraftbedarf der hiesigen Fabriken wohl kaum 700 PS. Die Weberei Garcia braucht nach ihrem jetzigen Ausbau 250 PS; das Saltowerk könnte also mit seinen 8000 PS 32 solcher Fabriken bedienen, in denen etwa 8000 Menschen ihr Brot verdienen.

Fürs erste fehlt es also noch an Absatz für die zur Verfügung stehende Kraft. Aber auch hierfür wird sich Rat finden. Der Preis, für den das Saltowerk die Kraft abgibt, ist äußerst niedrig: 30 Rs. für die Kilowattstunde. Kraft von solch geringen Kosten dürfte in ganz Brasilien kaum noch zu finden sein, und deshalb wird sich hier auch bald Kapital zur Anlage von Fabriken einfinden, umsomehr, als die Lage in jeder

Além dessas quedas próximas à cidade, outras aguardam sua exploração, como é o caso do Salto Pilão, queda de relevância, formada pelo Itajaí na região da Subida.

Uma das quedas d'água mais significantes do Estado é a queda de Benedito Novo, podendo ser alcançada a pé dentro de 1 hora e meia, partindo-se da rua Santa Maria. Localizando-se em meio a uma grande área de terras devolutas, sua queda registra 36 metros de profundidade, de onde torna a cair aproximadamente 20 metros, formando outras pequenas quedas. Segundo o Sr. von Skinner, essa queda tem a potência de 12 mil cavalos-vapor, mesmo por ocasião de seu menor volume de água. Mais abaixo, o Benedito possui outra queda considerável, que igualmente abriga uma potência disponível à exploração. Relevantes também são as quedas do Santa Maria e do Cedro que, através da exploração racional, forneceriam igualmente milhares de cavalos-vapor.

Além dessas, ainda existem inúmeras quedas menos ou mais potentes que, no entanto, não podem ser mencionadas todas aqui.

A usina elétrica acima mencionada, localiza-se junto à cachoeira do Gasparinho e pertence ao Sr. F. G. Busch, a quem a Câmara Municipal conferiu direito de exploração durante 25 anos (apenas para a região urbana). A altura da cachoeira está entre 57m e 60m, sendo que o volume de água é de 330 litros por segundo. Duas turbinas, cada uma com 152 cavalos-vapor, transformam a água em eletricidade, que atende principalmente à iluminação, pois a pequena quantidade de energia gerada consegue atender apenas à pequena indústria.

Através da construção da grande usina também as fábricas maiores poderão servir-se futuramente de energia elétrica. A usina será ativada até maio de 1914, podendo, a princípio, gerar 4.000 cavalos-vapor. Todavia, todas as providências, já foram tomadas para a instalação de mais duas turbinas, cada qual com 2.000 cavalos-vapor, tanto que a usina poderá fornecer energia de 8.000 cavalos-vapor. Para dar continuidade à exploração desse empreendimento, primeiramente se faz necessário construir novo dique para represar a água. A indústria de Blumenau terá progredido bastante quando o notável volume de energia de 8.000 cavalos-vapor já não for mais suficiente.

Atualmente o consumo de energia das fábricas locais não ultrapassa 700 cavalos-vapor. A tecelagem Garcia, após sua ampliação, consome 250 cavalos-vapor. Portanto, a Usina do Salto poderia abastecer 32 fábricas desse porte, nas quais cerca de 8.000 pessoas ganhariam seu sustento.

A princípio, ainda falta demanda para a energia disponível, porém, também para isso encontrar-se-á uma solução. A Usina do Salto fornece energia por um dos mais baixos preços de todo o Brasil: 30 réis por Kilowat-hora. Por

Beziehung eine äußerst günstige ist und ein tüchtiges, arbeitsames Menschenmaterial vorhanden ist. Die Errichtung einiger neuer Fabriken ist denn auch bereits geplant; so sollen eine große Bierbrauerei, eine Weberei und eine Zementwarenfabrik den Anfang bilden.

Daß Blumenau kein schlechter Boden für die Industrie ist, kann man aus dem bereits Geschaffenen ersehen und die errungenen Erfolge sind durchaus geeignet, zu weiterer Arbeit anzuspornen. In Vergleich zu anderen größeren Städten steckt unsere Industrie wohl noch in den Kinderschuhen, wenn man aber in Betracht zieht, aus wie kleinen Anfängen sie sich herausgearbeitet hat und was für Hindernisse zu überwinden waren, dann kann man ihr gewiß die Achtung nicht versagen. Da ist z. B. die Hering'sche Trikotwarenfabrik; aus den denkbar bescheidensten Verhältnissen hat sich das Unternehmen in den Jahren seines Bestehens zu einer respektablen Größe emporgearbeitet und erst jetzt hat es durch Angliederung einer eigenen Spinnerei wieder bedeutend an Ausdehnung gewonnen. Eine nicht minder wichtige Industrieanlage ist die „*Empresa Industrial Garcia – Probst & Comp.*“, wie die frühere Firma Probst & Sachtleben heute heißt; auch dieses Unternehmen erfährt augenblicklich eine bedeutende Vergrößerung. Die Zahl der Webstühle, die bisher 50 betrug, wird auf 150 erhöht und auch hier wird eine eigene Spinnerei das notwendige Garn liefern. Die wöchentliche Produktion wird künftig etwa 20000 Kg. betragen.

Zu diesem Unternehmen gehört auch eine Metallgießerei und mechanische Werkstatt, die ebenfalls einen guten Aufschwung genommen hat. Allerlei Gegenstände, die bisher importiert wurden, werden jetzt bereits hier konkurrenzfähig hergestellt. So wurde vor kurzem z. B. die Herstellung von Glocken in allen Größen aufgenommen und das Resultat war ein überraschend gutes.

Ein anderes Unternehmen, das von seinem Gründer aus den bescheidensten Anfängen und durch manche Schwierigkeiten hindurch zu einem bedeutenden Werk gefördert wurde, ist die Karsten'sche Weberei, und auch die Trikotwarenfabrik des Herrn Eckardt hat sich in den letzten Jahren recht gut entwickelt.

Vielleicht mehr als durch jeden anderen Industriezweig kann die künftige Entwicklung Blumenaus und des ganzen Itajahytales durch den Bergbau beeinflußt werden. Bekanntlich hat man schon seit Jahren an den verschiedensten Stellen des Itajahytales Erzlager entdeckt, aber merkwürdigerweise hatte man bisher noch nirgends eine wirklich ernste Untersuchung auf ihren Ausbeutungswert unternommen. Gesellschaften haben sich wohl hin und wieder solcher Sachen angenommen, aber nur um Spekulation damit zu treiben, und die Minen, ohne selbst etwas dabei zu riskieren, möglichst teuer zu verkaufen.

Deshalb ist es mit Freuden zu begrüßen, daß jetzt ein solches Erzlager ernst und sachlich untersucht worden ist und zwar mit solchem Erfolg, daß die Realisierung des ersten Bergwerkunternehmens in Blumenau dicht bevorsteht. Es handelt sich um die Ausbeutung der Blei und Zinkerze in Neu-Rußland, am Spitzkopf, die bisher unter dem wenig zutreffenden Namen „*Silbermine*“ bekannt war. Silber ist zwar auch

isso, espera-se para breve a instalação de novas fábricas pois, sob todos os aspectos, as condições são extremamente favoráveis e a mão-de-obra disponível é valorosa. Já existem planos para a instalação de algumas fábricas novas: uma cervejaria de grande porte, uma tecelagem e uma fábrica de artefatos de cimento.

Resultados positivos comprovam que Blumenau não é um campo ruim para a indústria e os sucessos obtidos servem para estimular a continuação do trabalho. Se compararmos com outras cidades maiores, certamente nossa indústria ainda está engatinhando. Todavia, levando-se em conta como as indústrias de pequeno porte vêm se destacando e superando as dificuldades, não se pode recusar render-lhes respeito. Um exemplo é a fábrica de artigos de malha Hering, que se desenvolveu sob condições modestas, expandindo-se consideravelmente através da incorporação de uma fiação própria. Outro empreendimento não menos importante é a “Empresa Industrial Garcia – Probst e Cia.”, antiga firma Probst e Sachtleben, a qual atualmente também passa por uma notável ampliação. Seu número de teares, até então era de 50, aumentará para 150 e sua própria fiação fornecerá o fio necessário. A produção semanal importará em aproximadamente 20.000kg.

Desse empreendimento também fazem parte uma fundição de metal e uma oficina mecânica, que igualmente têm se desenvolvido muito bem. Diversos objetos, até então importados, já estão sendo produzidos aqui a preços compatíveis com os da concorrência. Há pouco tempo, por exemplo, registrou-se a fabricação de sinos de todos os tamanhos e o resultado foi surpreendentemente bom.

A Tecelagem Karsten, outra empresa iniciada modestamente por seu fundador, venceu uma série de dificuldades e se transformou numa obra significativa. A fábrica de malhas do Sr. Eckardt também tem se desenvolvido muito bem nos últimos anos.

O futuro desenvolvimento de Blumenau e de todo o Vale do Itajaí talvez possa ser mais influenciado pela exploração mineral do que por qualquer outro ramo industrial. Há anos sabe-se que em diversos locais do Vale do Itajaí descobriu-se jazidas de minérios, mas é estranho que seu valor extrativo nunca tenha sido analisado seriamente. Não faltaram companhias que têm se ocupado amiudemente com essa questão, todavia, seu interesse foi meramente especulativo. Eram companhias que não queriam arriscar nada, contudo, posteriormente venderiam as minas a um preço elevado.

Por isso, saúda-se com alegria que uma dessas jazidas tenha sido analisada séria e objetivamente. O resultado foi tão grande que a instalação de uma empresa de extração mineral em Blumenau está prestes a se concretizar. Trata-

vorhanden, doch in der Hauptsache Blei und Zink, wie auch andere Minerale dort vorkommen.

Jedenfalls wird die Verwirklichung dieses Unternehmens unser Wirtschaftsleben stark beeinflussen, denn es wird kaum lange das einzige bleiben. Ist erst einmal mit der Erzverwertung begonnen, dann wird es auch rüstig vorwärts gehen, vorausgesetzt natürlich, daß sich die Ausbeutung rentabel erweist, woran aber nach dem Ergebniss der Aufschließungsarbeiten nicht zu zweifeln ist.

Trotz allen diesen Aussichten auf die Zukunft dürfen wir natürlich eins nicht aus den Augen lassen, nämlich die Hebung und Förderung der Landwirtschaft, die uns bisher als Lebenserwerb gedient hat. Unser Munizip exportiert jährlich für rund 2 Millionen Milreis Produkte der Landwirtschaft und Viehzucht; das istbarer Verdienst durch der Hände Arbeit erworben. Um diesen Erwerbszweig nicht nur dauernd auf dieser Höhe zu halten, sondern noch weiter zu kräftigen, wird es vor allem nötig sein, neue Gebiete der Kultur zu erschließen.

Das Munizip hat einen Flächenraum von 9460 Quadratkilometern, von denen erst ungefähr 750 in Kultur genommen sind! Um weitere Gebiete zu besiedeln ist es nötig, neue Wege zu bauen, gute Verkehrsbedingungen zu schaffen. Hierin wird uns die Eisenbahn einen großen Dienst erweisen, indem sie die großen fruchtbaren und holzreichen Gebiete am Süd und Westarm in Verbindung mit dem Weltverkehr bringt.

Die Landwirtschaft durch Einführung neuer Sämereien und Rassetiere zu fördern, ist eine Notwendigkeit, die immer mehr beachtet wird. So werden gegenwärtig einige 20 Stiere und Fersen holländer Rasse aus Europa erwartet, um dem hiesigen Rindviehbestande neues Blut hinzuzuführen.

Aber unserer Viehwirtschaft droht auch eine große schwere Gefahr und wenn es nicht gelingt, dieser noch im letzten Augenblick Herr zu werden, so wird sie diesen Erwerbszweig auf Jahre hindurch ruinieren. Wir meinen die Viehkrankheit, die vor über 4 Jahren in den südlicher gelegenen Munizipien auftrat und trotz der angewandten Maßregeln bis heute unaufhörlich, langsam aber mit unheimlicher Sicherheit sich uns näherte und am Gaspar nun auch schon die Grenzen des Munizips Ueberschritten hat. Leider weiß man bis heute noch nicht recht, wo der Krankheitserreger oder überträger sitzt und man begnügt sich einstweilen mit der Tötung der Hunde, den vermeintlichen Verschleppern dieser als Tollwut angesehenen Krankheit. Hoffentlich gelingt es noch in letzter Stunde, ein weiteres Vordringen des Uebels zu vereiteln und den Wohlstand unseres Gemeinwesens zu wahren. –

Zum Schluß wollen wir diesen Ausführungen noch einige Daten über das Munizip hinzufügen, die von seiner Größe und wirtschaftlichen Stärke zeugen.

Blumenau hat, wie schon früher gesagt, einen Flächeninhalt von 9460 Quadratkilometern, davon sind noch 6233 Quadratkilometer devolute Ländereien. 3327 Quadratkilometer Land sind vermessen und in festem Besitz, aber erst 750 davon sind in Kultur genommen.

Die Einwohnerzahl beträgt ungefähr 50000.

se da exploração da mina de chumbo e zinco na Nova Rússia, junto ao Spitzkopf, conhecida até o momento sob a denominação pouco condizente de “mina da prata”. Na verdade, existe prata, porém os principais minérios encontrados são o chumbo e o zinco.

De qualquer modo, a concretização desse empreendimento influenciará fortemente nossa vida econômica, pois não será o único por muito tempo. Uma vez iniciada a mineração, esta certamente irá desenvolver-se muito bem, contanto que a exploração apresente lucros, do que não se duvida após o resultado dos trabalhos de abertura.

Apesar de todas essas perspectivas, naturalmente não se pode deixar de fomentar a agricultura que nos tem sustentado até o presente. O nosso município exporta anualmente 2 milhões de réis em produtos agrícolas e pecuários, representando um lucro líquido que foi adquirido através do trabalho manual. Para manter esse ramo econômico fortalecido, será necessário, sobretudo, cultivar novas regiões.

O município tem uma área de 9.460 km², dos quais apenas aproximadamente 750km² são cultivados. Para que as demais regiões se tornem habitáveis, será preciso construir novas estradas e criar boas condições de tráfego. Sob esse aspecto a ferrovia nos será de grande auxílio já que ela ligará as regiões ricas em madeira do Braço do Sul e do Oeste com o tráfego mundial.

Fomentar a agricultura através da introdução de novas sementes e de animais de raça é uma necessidade a ser considerada. Portanto, aguarda-se a chegada de 20 touros da raça holandesa procedentes da Alemanha, a fim de introduzir sangue novo no rebanho local.

Todavia, a nossa criação de gado está ameaçada por um grande perigo que poderá arruiná-la, se não for possível controlá-lo. Estamos nos referindo à doença de gado que surgiu há mais de 4 anos nos municípios do Sul e que apesar das medidas preventivas, vem se aproximando lentamente, e no momento ultrapassando a divisa do município em Gaspar. Infelizmente não se sabe até hoje onde se encontra o foco da doença tida como “raiva” e, temporariamente, conforma-se em executar os cães, supostos propagadores da mesma. Para que o bem-estar comunitário possa ser preservado, espera-se controlar o mal a tempo para não se alastrar ainda mais.

Finalmente queremos acrescentar a essas explicações alguns dados sobre o município, que comprovam a grandeza de sua força econômica.

Como já foi mencionado anteriormente, Blumenau possui uma área de 9.460km², dos quais 6.233km² são terras devolutas; 3.327km² estão demarcados e apropriados, contudo, desses, apenas 750 estão cultivados.

O número de habitantes é de aproximadamente 50.000 pessoas.

Das Wegenetz hat eine Gesamtlänge von 3000 Kilometern. Es bestehen über 500 Brücken und Kanäle, von denen die größte, die Saltobrücke, 172 Meter lang ist.

An Schulen besitzt das Munizip 6 vom Staat erhaltene und an 100 Privatschulen, in denen über 4000 Kinder unterrichtet werden. Die bedeutendste und gediegenste Bildungsstätte ist die „Neue Schule“, die gegenwärtig von 275 Kindern besucht wird. Die große von der Regierung erbaute Schule geht ihrer Vollendung entgegen.

An Steuern bezahlte Blumenau im vergangenen Jahr an den Staat 250 Contos; die Munizipalabgaben betrugen 122 Contos, sodaß auf den Kopf der Bevölkerung nicht ganz RS. 7\$500 fallen. Hierzu kommen noch die indirekten Steuern des Bundes: Zoll, Klebesteuer usw.

Im Munizip gibt es folgende industrielle, gewerbliche, landwirtschaftliche Betriebe, Handelsgeschäfte usw: Handelshäuser 197, Hotels 8, Gastwirtschaften 58, Holzschneidemühlen 98, Mahlmühlen 95, Zuckergeschirre 357, Schlachtereien 42, Ziegeleien 59, Bäckereien 39, Bierbrauereien 15, Gazosa, Essig, Wein usw. Fabriken 20, Gerbereien 8, Druckereien 4, Gießereien 3, Trikotwarenfabriken 2, Baumwollwebereien 2, Elektrizitätswerk 1 (Gaspar), Möbelfabriken 3, Stellmachereien usw. 58, Schmiede 47. Außer den vorerwähnten Unternehmungen sind im Entstehen: ein großes Elektrizitätswerk am Salto und eine Minenanlage für Erzgewinnung (Zinn und Blei) im Garcia-Tal.

Fuhrwerke, als: Lastwagen, Kutschen usw. existieren heute annähernd 2000 Stück.

Die hauptsächlich zum Export kommenden Produkte sind: Butter, Schmalz, Reis, Tabak und Holz; ferner Möbel und die hier fabrizierten Trikotwaren und baumwollenen Gewebe. Der jährliche Export beziffert sich auf über 250 Contos de Reis.

Der Viehbesitz im Munizip ist folgender: Rindvieh über 2 Jahre 24000 Stück, Kälber und Rinder 10000 Stück, Pferde und Esel 9000 Stück, Schweine 60000, Geflügel 20000 Stück. Der Wert wird auf zirka 3000 Contos de Reis geschätzt.

A rede de estradas perfaz um total de 3.000km. Existem mais de 500 pontes e canais, sendo a ponte do Salto a maior, medindo 172m.

No município existem 6 escolas estaduais e 100 escolas particulares, nas quais mais de 4.000 crianças recebem instrução. A mais notável e sólida escola é a "Neue Schule" (Escola Nova), freqüentada atualmente por 275 crianças. A grande escola que está sendo construída pelo governo, chega à sua fase de conclusão.

No ano passado, Blumenau pagou 250 contos de impostos ao Estado. Os tributos municipais chegaram a 122 contos, não atingindo 7.500 mil-réis por cidadão. Ainda existe a inclusão dos impostos indiretos da união, como alfândega e impostos atrasados.

Segue o número de empresas industriais, agrícolas, comerciais, etc. existentes no município: 197 casas comerciais, 8 hotéis, 58 restaurantes, 98 madeiras, 95 atafonas, 357 engenhos de cana, 42 açougues, 59 olarias, 39 padarias, 15 cervejarias, 20 fábricas de gasosa, vinho, vinagre etc., 8 cutelarias, 4 impressoras, 3 fundições, 2 malharias, 2 tecelagens, 1 usina elétrica (Gaspar), 3 fábricas de móveis, 58 fábricas de carroças e coches, 47 ferrarias. Além desses empreendimentos surge uma grande usina elétrica no Salto e a exploração de uma mina para a extração de estanho e chumbo no vale do Garcia.

Existem aproximadamente 2.000 carroças, coches, etc..

Os principais artigos para a exportação produzidos aqui são: manteiga, banha, arroz, tabaco e madeira e, em menor escala, móveis, artigos de malha e têxteis. Calcula-se a exportação anual em 250 contos de réis.

O rebanho de gado do município consiste em 24.000 cabeças de gado bovino com mais de 2 anos, 10.000 bezerros e novilhas, 9.000 cavalos e burros. Há 60.000 porcos e 200.000 aves. O valor total desses animais é estimado em 3.000 contos de réis.

Memórias

O Sesqui-centenário

TEXTO:

SIGFRIED
CARLOS
WAHLE*



Para o quinquagésimo aniversário de Blumenau foi preciso que a Câmara de Vereadores e o superintendente da época Dr. José Bonifácio da Cunha chegassem a um acordo. O Dr. Blumenau marcara para a fundação da Colônia o dia 28 de agosto de 1852, quando foram distribuídos os primeiros 11 lotes para os colonos. Uma parte da câmara dos vereadores era de opinião que a fundação da colônia ocorrera no dia 2 de setembro de 1850, quando os primeiros colonos chegaram a Blumenau, ficando acampados na foz do ribeirão da Velha. Foi com o voto de Minerva do Dr. José Bonifácio da Cunha que ficou selada a data que até hoje vigora.

Blumenau celebrará no dia 2 de setembro de 2000 os seus cento e cinquenta anos de existência. São raros os que eventualmente tiveram a oportunidade de presenciar os festejos dos 75, 100, 125 e 150 anos. Tive a felicidade de participar do septuagésimo quinto aniversário, em 1925, aos oito anos de idade, com eventos realizados de 15 a 18 de novembro.

Embora a data comemorativa oficial da fundação de Blumenau seja dois de setembro, inexplicavelmente o septuagésimo quinto aniversário teve os seus eventos realizados de 15 a 18 de novembro. Frequentava então o terceiro ano primário do Colégio Santo Antonio. O colégio participou da parada em homenagem ao aniversário. A parada foi formada com carroças, carros de mola enfeitados com palmitos, e alguns automóveis que ainda eram raros. Também tomou parte na parada a 9ª Companhia de Metralhadoras Pesadas, uma unidade do Exército Nacional, aquartelada nesta cidade, cuja banda puxava a parada.

Havia uma feira de produtos de Blumenau e festejos no recinto e na praça de desportos da Sociedade de Ginástica. Era superintendente de Blumenau,

* Colaborador da Revista "Blumenau em Cadernos".



75. Aniversário de Blumenau – desfile

Curt Hering, que substituíra a Paulo Zimmermann, falecido em 1923, em pleno exercício do seu mandato.

No centenário em 1950, aos 33 anos de idade, eu ocupava o cargo de superintendente de manutenção da Cia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda - RJ. Pedi licença e viajei com minha família a Blumenau para participar dos festejos do centenário da cidade. Tive a oportunidade de comparar a diferença dos dois festejos. As comemorações do Centenário foram bem mais modernos. Havia exposição de produtos fabricados em Blumenau, exposição de animais, festejos no pátio do Teatro Carlos Gomes, praça de

desportos da Sociedade de Ginástica, a parada na qual participaram colegiais, militares e uma grande carreata. Não faltaram os conhecidos bailes animados. Era prefeito de Blumenau Frederico Guilherme Busch Jr.

No centésimo vigésimo quinto aniversário, 1975, tive que encurtar minha viagem a serviço à Europa, para ainda alcançar, aos 58 anos de idade, pelo menos parte dos festejos, embora muito discretos. Infelizmente, por problemas de conexão de aviões, cheguei a Blumenau um dia depois de terminadas as comemorações. Era Prefeito de Blumenau, Felix Cristiano Theiss.

Agora, aos 83 anos de idade, tenho a satisfação de provavelmente alcançar o sesquicentenário em 2 de setembro de 2000. O atual prefeito de Blumenau é Décio Lima.



Desfile do centenário de Blumenau - 1950



Blumenau hoje

Fragmentos de Nossa História Local

Completa a estrutura do edifício Visconde de Mauá

O idealismo e o espírito de iniciativa planejaram dar a Blumenau um edifício dotado dos modernos requisitos exigidos nos tempos atuais.

A Associação Comercial e Industrial de Blumenau labutava em velho casarão, não mais apropriado para comportar, satisfatoriamente, a função de sede social desse nobre órgão de classe representativo do comércio e da indústria mais vigorosos do nosso Estado.

A Companhia Catarinense de Seguros Gerais, que já em 1945 concluíra a construção do “Edifício Mutua” onde mantém a sua sede, desejava consolidar ainda mais o seu patrimônio, imobilizando suas reservas econômicas.

Surgiram os primeiros entendimentos e, após conjugados os interesses recíprocos, a Companhia Catarinense de Seguros Gerais prontificou-se em financiar integralmente as obras de um edifício. Com este fato concretizava-se a idéia inicial, pois já então ninguém duvidava do sucesso desta realização, em face da capacidade financeira dessa prestigiosa seguradora local, que garantia o bom êxito do empreendimento.

O edifício viria a denominar-se “Visconde de Mauá”, em honra a Irineu Evangelista de Souza, pujante brasileiro, iniciador de grandes empresas e melhoramentos no século passado.

Partiu-se para o início das obras em 29 de março de 1960, quando foi cravada a primeira estaca dos fundamentos. Os serviços de estaqueamento foram concluídos pela “Estacas Franki Ltda.” em 14 de maio de 1960.

Posteriormente, a obra foi entregue a “Construções Puehler & Kienen Ltda.”, que con-



Fonte: LUMI, Blumenau, 15 de outubro de 1961, p. 4.

cretou a primeira sapata em 29 de junho de 1960, para em 16 de setembro de 1960 concluir a primeira lage.

A quarta lage, sobre a qual ficaria a sede da Associação Comercial e Industrial de Blumenau, foi concluída no último dia do ano de 1960.

Esta sede será dividida funcionalmente ao desempenho de todas as atividades concernentes à Associação Comercial e Industrial de Blumenau.

Prosseguiram os trabalhos e no dia 14 de agosto de 1961 era terminada a décima-segunda lage.

Em 23 de setembro de 1961, os operários colocavam palmeiras no topo da cumeeira, sinal de alcance ao ponto final da estrutura de concreto armado.

No dia 30, foi comemorada a “festa da cumeeira”. Via-se que a satisfação era geral, tanto dos que conceberam o belo edifício, quanto dos operários que com suas mãos o levantaram.

Na ocasião, expressou-se, em nome do condomínio, o Dr. Ayres Gonçalves, que, com entusiasmo, referiu-se ao que tinha originado aquele ágape.

Ainda em alocução, exprimiu-se o Sr. Hercílio Deeke, Prefeito municipal, que externou o seu aplauso a esta iniciativa, digna dos anseios do progresso de Blumenau, sentimento dominante de sua gente.

A dinâmica diretoria que vem dirigindo a Associação Comercial e Industrial de Blumenau vê, assim, caminhar para a sua conclusão final, uma de suas mais arrojadas decisões. A nova sede social ampla e moderna comportará, de forma condigna, instalações à altura de sua tradição e de suas responsabilidades de órgão representativo das classes produtoras locais. Sem dúvida, outra realização dessa entidade, que já ofereceu inúmeras mostras de interesse à vida de Blumenau.

Merece destaque especial o empenho da Companhia Catarinense de Seguros Gerais, financiadora da obra, cuja colaboração foi decisiva. Até esta fase da construção, ela aplicou a soma de Cr\$ 32.589.351,30. Já proprietária de imóveis em Blumenau, Curitiba e Rio de Janeiro, a única seguradora local robustece sua solidez, fazendo o seu maior investimento neste bonito prédio, que demonstra a maneira simpática de ajuda ao desenvolvimento arquitetônico da região onde seu prestígio é mais marcante.

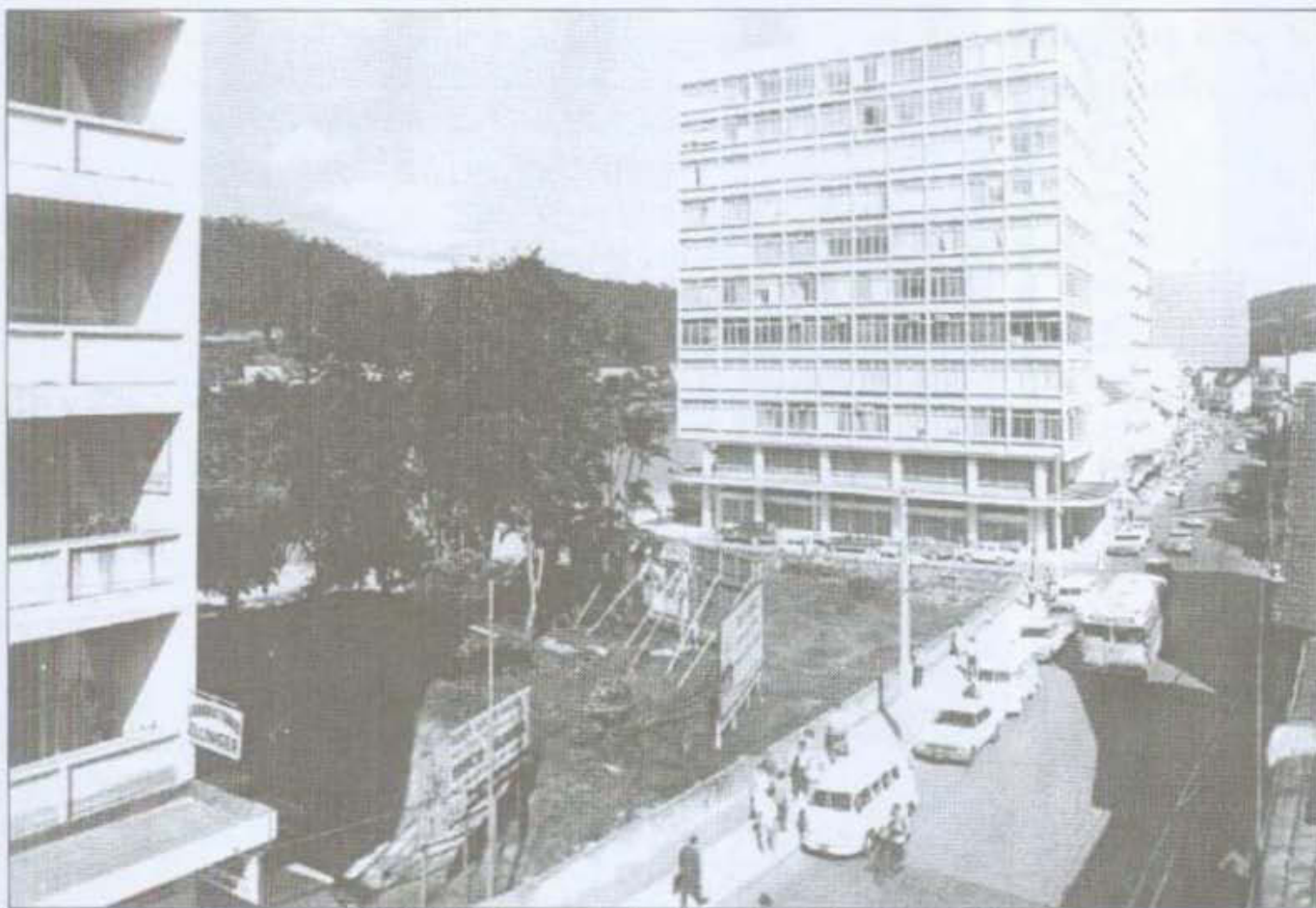
Tendo iniciado suas operações em 1938, a Companhia Catarinense de Seguros Gerais mantém departamentos nas cidades de Aracaju, Belém, Belo Horizonte, Blumenau, Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Ilhéus, Join-

ville, Londrina, Maceió, Manaus, Maringá, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Rolândia, Salvador, São Luiz, e São Paulo, levando, assim, para todo o território nacional, o marco da iniciativa catarinense.

O edifício Visconde de Mauá é composto por 11 pavimentos destinados a saber: 1 para loja, 1 para sobreloja, 1 para sede da ACIB, 4 para escritórios e 4 para apartamentos residenciais. Todos os andares são servidos por 3 elevadores, 2 sociais e 1 de serviço.

Este edifício é mais um monumento erguido pela iniciativa particular.

Parabéns à Associação Comercial e Industrial de Blumenau, à Companhia Catarinense de Seguros Gerais, parabéns, afinal, a Blumenau.



Edifício Visconde de Mauá – década de 60

Blumenau rumo aos 150 anos de fundação

Dr. Blumenau e sua proposta de colonização

Texto:

Dr.
HERMANN
BLUMENAU



Ao vir para o Brasil em 1846, Dr. Hermann Blumenau estudou as potencialidades do país em nome da "Sociedade de Proteção aos Emigrandos Alemães no Sul do Brasil". Sua motivação surgiu ao tomar contato com as descrições de pessoas que já haviam estado aqui. Quando entrou em contato com a realidade do Sul do Brasil, apresentou propostas de colonização ao Governo, como também em nome da Sociedade que patrocinou sua vinda para a América.

Para compreender as intenções do Dr. Blumenau de estabelecer uma colônia no Vale do Itajaí, publicamos o ofício que encaminhou à Assembleia Provincial, como também o requerimento apresentando seu projeto de Colonização, contendo artigos para o estabelecimento de colônias alemãs.

Após análise do projeto por uma comissão, a mesma emitiu seu parecer de aprovação, seguida da resolução da Assembleia Legislativa Provincial. Com estes procedimentos que passaram por todas as instâncias do poder legislativo provincial, nascia o documento que podemos considerar como a "certidão de nascimento" da Colônia Blumenau, datada de 1848, feita em nome da Sociedade Protetora de Emigrados Alemães no Sul do Brasil, mais tarde desativada.

Hermann Blumenau, por sua vez, persiste e refaz o pedido em seu próprio nome, em dezembro de 1850.

Impresso por deliberação da Assembleia Legislativa Provincial de Santa Catarina, em sessão de 2 de maio de 1848.

OFÍCIO DA PRESIDÊNCIA DA PROVÍNCIA À PRESIDÊNCIA DA ASSEMBLÉIA

Illmo e Exmo Sr. – Tenho a honra de apresentar a V. Excia. para que o faça à Assembleia Legislativa Provincial o requerimento e projeto, que, por via desta Presidência, são dirigidos à mesma Assembleia pelo Doutor Hermann Blumenau agente de uma Companhia Protetora de Emigração Alemã em Hamburgo, que tem por objeto estabelecer grandes colônias no Império. A Assembleia dará em sua sabedoria o devido apreço a uma empresa tão útil ao país, e encaminhará o importante objeto como julgar que convenha.

O Doutor Blumenau é reconhecido no Brasil como agente autorizado para tais contratos pela dita Companhia, que na realidade existe. Deus Guarde a V. Excia. – Palácio do Governo de Santa Catarina, 18 de março de 1848. – Illmo e Exmo. Sr. Severo Amorim do Valle, Presidente da Assembléia Legislativa Provincial. – O Presidente Antero José Ferreira de Brito.

REQUERIMENTO

Senhores Deputados da Assembléia Provincial – O abaixo assinado agente da Companhia Protetora de Emigrados Alemães no Sul do Brasil estabelecida na Cidade Livre e Hanseatica de Hamburgo tem a subida honra de vir perante Vós, Senhores, apresentar um projeto de colonização, no qual se lizonjeia trazer a esta bela Província algumas vantagens. – Desejando a sobredita companhia, formada em Hamburgo, com o capital fundamental de um milhão de marcos do banco, por vinte dos mais respeitáveis capitalistas e casas comerciais, que todas na Alemanha e parte deles também no Brasil são bem conhecidas e gozam da mais firme e honesta reputação, como consta dos autos e documentos confirmados pelo Encarregado dos Negócios do Império em Hamburgo, e entregados a S. Excia. o Sr. Ministro do Império no mês de agosto de 1846, a remediar uma das mais urgentes necessidade deste vasto Império, e amplificar as relações amigáveis e comerciais que unem para mútua utilidade tantos anos aquela cidade a ele pelo meio da introdução de emigrados alemães, e do estabelecimento de colônias agrícolas e industriais, ela se dirige pelo órgão do abaixo assinado a Vós, Senhores Deputados da Assembléia Provincial, para submeter a vosso juízo esclarecido as propostas contidas no projeto incluso, e recomendá-las a um exame e acolhimento benévolo. – A Companhia não pretende chamar a sua obra em questão puramente filantrópica, contudo espera aliviar as tristes circunstâncias de muitas famílias honestas, mas indigentes da Alemanha, porém repudia ao mesmo tempo energicamente a imputação de prosseguir uma mera especulação pecuniária para enriquecer-se à custa do Império e dos emigrados, e tem a consciência de ter estabelecido as suas propostas nos princípios da mais estrita e pura retidão e equidade. Não estando no caso de poder inteiramente renunciar a um benefício proporcionado aos seus trabalhos e às grandes despesas com a colonização, a Companhia todavia não se ocupa com esta empresa para fazer lucros no tempo mais breve possível, mas para encaminhar uma nova época das relações industriais, e comerciais entre a Alemanha e o Brasil, países estes que devem inteirar-se mutuamente e são aliados naturais pelo destino, achando o Brasil para os seus produtos o mercado mais desembaraçado e lucrativo na Alemanha, que não possui colônias próprias, e recebendo dela os braços laboriosos e os manufactos de que carece. – Parece desnecessário, Srs. Deputados da Assembléia Provincial, estender-se com mais amplitude sobre a proposta da Com-

panhia; bastará a simples leitura, e exame superficial para convencer-se quanto a Companhia se esforçou em respeitar os direitos e vantagens de todas as partes, e de uni-los numa totalidade harmônica, da qual há de resultar o complemento e a riqueza de dois países, e a prosperidade de muitas famílias honestas e laboriosas na sua bela pátria nova. Ainda mais desnecessário parece discutir sobre as vantagens da colonização, num país pouco povoado, estando todos os homens inteligentes e entendidos de acordo sobre isso, e tendo provado a ilustre Assembléia mesma, a que o abaixo assinado tem a súbita honra de dirigir-se, por leis e resoluções benevolentes quanto sabe apreciar aquelas vantagens. Limita-se, pois, o abaixo assinado de suplicar-vos se dignem aceitar com benevolência a proposta inclusa, tomá-la em consideração merecida, e ajudar por vossos votos o estabelecimento de uma obra filantrópica, e importante, que servirá para a igual prosperidade de dois grandes países e nações – E. R. M. – Cidade do Desterro, 16 de março de 1848 - Doutor Hermann Blumenau.

ARTIGOS FUNDAMENTAIS PARA O ESTABELECIMENTO DE COLÔNIAS DE ALEMÃES NA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA

Artigo 1º - A Companhia Protetora de Emigrados Alemães, organizada na cidade livre e hanseática de Hamburgo, com um capital fundamental de um milhão de marcos de banco: (635 a 645 contos de réis) ficam concedidas duas datas de terras mais ou menos contíguas, correspondente cada uma a cinco e seis léguas em quadro, à escolha dos agentes da companhia competentemente reconhecidos, dentre as terras devolutas ou caídas em comisso, garantindo o governo solenemente à companhia, e aos colonos dela a posse segura e incontestável das terras concedidas, de maneira, que sobre elas nunca, jamais possam haver pretensões ou pleitos contra a companhia ou seus colonos.

Artigo 2º - À companhia é permitido, para maior desenvolvimento da colonização, comprar terrenos particulares; e tanto essas compras, como as vendas que ela fizer aos seus colonos serão isentas do pagamento da siza.

Artigo 3º - Os navios, nacionais ou estrangeiros, que a seu bordo trouxerem mais de cinquenta colonos (da companhia) não pagarão direito algum de ancoragem.

Artigo 4º - Os víveres de sobresselente, conduzidos nos mesmos navios para alimento dos colonos durante os primeiros meses de sua residência, bem como os utensílios, materiais, livros, móveis, sementes, plantas e raças novas de quaisquer animais ou gados, pertencentes à companhia ou aos colonos para construção e arranjo das casas, lavouras, e povoação dos campos serão isentos de qualquer direito ou imposição: seu desembarque se fará no ancoradouro mais próximo da

colônia respectiva, em que os colonos irão estabelecer-se, devendo o governo tomar as medidas, que julgar necessárias para a fiscalização do mesmo.

Artigo 5º - Os colonos, logo que entrarem na posse de qualquer porção de terras, que lhes for destinada por distribuição ou por compra, que fizerem à companhia, serão ipso facto considerados cidadãos brasileiros naturalizados.

Artigo 6º - Aqueles colonos porém, que não tiverem posse de terras, mas desejarem ser naturalizados poderão ser por meio de uma declaração perante o juiz de paz do distrito em que estiver a colônia, depois de completar um mês de residência no distrito, devendo apresentar-se ao juiz de paz, para lhes dar declaração de sua apresentação. As despesas da carta de naturalização em totalidade não deverão exceder a quinhentos réis.

Artigo 7º - Os colonos naturalizados gozarão de todos os direitos que a constituição outorga, e serão sujeitos a todas as obrigações do cidadão brasileiro; ficarão porém isentos de pagar qualquer contribuição direta durante os primeiros dez anos de sua residência no país, e por toda a sua vida isentos de recrutamento de terra, e mar, e do serviço da Guarda Nacional, fora do distrito da respectiva colônia. Os colonos nascidos no Brasil serão em tudo iguais aos brasileiros natos.

Artigo 8º - A companhia e seus colonos poderão construir igrejas e capelas nas terras da companhia, onde melhor lhes convier, guardando as disposições da constituição do Império, sendo protegidos na prática de seu culto, e gozarão de toda e plena liberdade, para contraírem casamentos entre as diferentes confissões, sujeitando-se às leis do país, que regularão a sucessão hereditária.

Artigo 9º - O agente diplomático do Governo Imperial em Hamburgo, fornecerá gratuitamente aos colonos da companhia os passaportes necessários, podendo porém negá-los aos que forem culpados de crimes.

Artigo 10º - Os agentes da companhia deverão fazer sair das colônias, para não mais a elas voltar, aquele indivíduo, que por notória imoralidade ou por sua índole rixosa perturbar a paz interna das colônias e com o seu procedimento ameace a moralidade dos colonos, observando, quanto ser possa, as leis do Império a respeito.

Artigo 11º - As cartas para os colonos, vindas de Hamburgo, em navios da companhia, e as que eles para ali dirigirem do mesmo modo são isentas de portes de correio: e tanto umas como outras deverão ser remetidas aos respectivos agentes da companhia, para fazê-las entregar às pessoas, a que forem endereçadas.

Artigo 12º - Fica desde já e para sempre proibida a entrada de escravos nas terras concedidas pelo governo à companhia e seus colonos, para se empregarem em serviço de qualquer natureza. A proibição esta

que se estende às aquisições de terras devolutas nacionais, que de futuro houverem de fazer a companhia ou os colonos, e que fica também autorizada a companhia, de impor, conformando-se às circunstâncias especiais, nas terras particulares que comprar ou adquirir por qualquer outro título. Nunca poderão entrar escravos no serviço da companhia, nem das pessoas estabelecidas nas terras concedidas pelo governo à companhia e seus colonos, e nenhum proprietário de qualquer parcela destes terrenos poderá ficar ao mesmo tempo dono de escravos.

Artigo 13º - Para execução do artigo antecedente deverá o Governo Provincial organizar de acordo com os agentes da companhia, um regulamento interno das colônias, no qual há de marcar o prazo, que nas terras da Companhia ou dos colonos, podem demorar-se os escravos dos viajantes e das pessoas que a negócio a elas forem, e estabelecerá multas adequadas, em que incorrerão os infratores, se a estada dos escravos exceder o prazo marcado, ou se estes se ocuparem em outro serviço que não seja o doméstico para seu senhor ou amo durante o prazo marcado.

Artigo 14º - O produto das multas, de que trata o artigo antecedente, será dividido em três partes, duas das quais serão aplicadas a estabelecimentos pios das colônias, e a outra terça parte será entregue como gratificação ao denunciante, e se não houver denunciante, ou havendo-o não queira recebê-la, entrará essa terça parte para os cofres provinciais.

Artigo 15º - O processo para imposição das multas será o mesmo, que está marcado nos artigos 205 a 210 inclusive do código do processo criminal, e poderá ser feito perante o juiz de paz, ou qualquer das autoridades policiais do respectivo distrito da colônia, cuja decisão passará logo em julgado e será executada sem apelação nem agravo.

Artigo 16º - O regulamento autorizado pelo artigo 13, será provisoriamente posto em execução até que apresentado à Assembléia Provincial, seja por ela confirmado ou modificado, como convier.

Artigo 17º - Enquanto não estiverem os colonos suficientemente habilitados no conhecimento das instituições do país, para eles mesmos escolherem os burgo-mestres ou diretores dos diversos distritos ou divisões das povoações das colônias, a companhia ou seus agentes poderão escolher pessoas idôneas para aquela função, a ajudarem os mesmos agentes no regime interno das povoações, na administração dos estabelecimentos pios e de pública utilidade, e na divisão equitativa das diferenças entre os colonos, as quais serão pelo Governo Provincial devidamente autorizadas e protegidas no desempenho de seus deveres, de conformidade com as leis do país.

Artigo 18º - O Governo Imperial concorrerá para as despesas da colonização com a quantia de dois mil réis anuais para cada colono introduzido, sem diferença de sexo nem idade nos primeiros dez anos do estabelecimento da colônia, a contar do dia, em que aportarem os primeiros colonos, e com a quantia de mil réis anuais nos cinco anos seguintes, a qual será contada conforme o número dos colonos desembarcados na Província e paga anualmente aos agentes da companhia pela maneira que for convencionada.

Artigo 19º - Os contratos, feitos entre a companhia ou seus agentes, e os colonos serão celebrados, guardados e observados na forma da Lei Provincial número 49 de 15 de junho de 1863, cujas disposições ficam em vigor na parte, em que não forem alteradas ou revogadas pela presente.

Artigo 20º - Os colonos, chegando à Província poderão aceitar ou rejeitar, como lhes convier, as proposições da companhia, não podendo ser forçados a serviços pessoais, e poderão neste caso dispor de si livremente. Aqueles porém que aceitarem essas proposições, ratificarão os seus contratos na forma da citada lei, e o Governo Provincial dará toda proteção quer à companhia ou seus agentes, quer aos colonos para o pontual cumprimento das obrigações, a que reciprocamente se sujeitarem.

Artigo 21º - Nenhum colono bem como nenhum outro indivíduo poderá arbitrariamente apossar-se de qualquer porção de terrenos da companhia ou das colônias, e o contrário fazendo, poderá ser delas lançado fora em qualquer tempo e não terá direito de exigir indenização das benfeitorias, que por ventura tenha nos terrenos.

Artigo 22º - A companhia gozará de todos os privilégios e vantagens, que são ou forem para o futuro concedidos a qualquer outra companhia ou particulares, que colonizarem nesta província, preenchendo as condições de reciprocidade, que estes privilégios e vantagens estabelecem ou estabeleceram. O Governo para o futuro não concederá terrenos a particulares ou a companhias outras, sem impor-lhes a exclusão do trabalho escravo, e um aforamento ou foro pelo menos igual ao que pagar a Companhia Protetora de Emigrados Alemães, estabelecida em Hamburgo.

Artigo 23º - Para que a companhia de que trata o artigo primeiro possa gozar das vantagens, que ora lhe concedem submeter-se-á às seguintes condições:

1 - Justificar perante o encarregado de negócios do Império em Hamburgo a posse de um fundo de um milhão de marcos de banco pelo menos.

2 - Mandar engenheiros e agentes para esta Província, para dar princípio à colonização, dentro de quatro meses, depois de lhe ter sido oficialmente comunicada a aceitação de suas ofertas pelo governo e Assembléia Geral e Provincial.

3 - Pagar um foro anual de sessenta mil réis por légua quadrada, que começará a ser pago no ano segundo depois de lhe ter sido entregues os terrenos, que lhe são concedidos, e que lhe será descontado nos primeiros quinze anos dos subsídios, que na forma do artigo 18º o governo tem de entregar aos agentes da companhia. Depois dessa época poderão ao aforamento ser hipotecados, exclusivamente ao fôro, porções de terras cultas nas colônias da companhia, que oferecerão garantias suficientes ao pagamento, ficando desta maneira a companhia exonerada para com a Fazenda Nacional; ou poderá a companhia depositar na caixa de amortização o equivalente do foro anual em apólices da dívida pública em número tal, que seus juros anuais correspondam ao foro anual, ficando assim a companhia liberada para poder vender a seus colonos qualquer porção de terras, livre de foro e de qualquer outro ônus.

4 - Mandar demarcar terrenos (dos concedidos) para duzentas famílias dentro de doze meses, contados da tomada de posse deles, que terá lugar imediatamente, após lhe forem confirmadas as vantagens pelos poderes competentes.

5 - Fazer vir para a Província nos primeiros dois anos depois da confirmação, pelo menos mil e quinhentos colonos, e mil pelo menos, em cada um dos anos seguintes, de sorte que no décimo ano ou antes tenham completado o número de dez mil colonos.

6 - Procurar engajar maior número de colonos afazendados, estabelecendo um equilíbrio conveniente entre esses e os mais indigentes; para a uns fornecer trabalhadores e aos outros trabalhos lucrativos.

7 - Fazer passar os colonos, logo que cheguem, e à sua custa, para o respectivo distrito da colônia em que ficarão estabelecidos, dando-lhes abrigo até construírem as suas casas, acomodar aos colonos, que o pretenderem em tempo necessário, o seu estabelecimento por meio de derrubadas de roças mais ou menos extensas e construção de casas, provendo-os de mantimentos e de todo o necessário para o seu estabelecimento.

8 - Alimentar os colonos pobres nos primeiros tempos de sua estada, subministrar-lhes trabalho nas obras dos colonos mais abastados ou nas suas próprias obras; prestar gratuitamente, aos enfermos nas colônias tratamento medicinal nas suas casas ou nos hospitais das colônias durante os dois primeiros anos depois de sua chegada.

9 - Estabelecer, tendo sempre em atenção as leis do Império, estatutos convenientes tanto para o embarque e bom tratamento dos colonos a bordo de navios, como para a boa organização interna da colônia, tendo o encarregado do Império em Hamburgo um voto de direção na discussão dos estatutos.

10 - Admitir como acionistas cidadãos habitantes nesta Província com todas as vantagens e ônus dos acionistas alemães, tanto os que quizerem para a companhia concorrer com os fundos pecuniários, como os que concorrerem com terrenos aptos para a colonização. Logo que for confirmada a concessão e quanto lhe respeita, e que forem instalados na Província os agentes da companhia, serão abertas as listas para as assinaturas pecuniárias. As entradas com terrenos terão lugar por meio de contratos especiais para isso feitos, sendo base fundamental desses contratos o valor justo e razoável dos terrenos por meio do que o proprietário contratante participar dos bens e lucros da companhia.

11 - Dotar as colônias com clérigos, médicos professores de primeiras letras, boticas e hospitais; construir em cada distrito de colônia, pelo menos, numa capela ou igreja, casas para escolas conforme as necessidades, e reservar para uso público e futuro sustento escolas e igrejas suficientes porções de terrenos.

12 - Construir boas estradas dentro das colônias e encarregar-se, segundo as necessidades, suas posses e os ajustes que celebrar tanto com o Governo Imperial como Provincial, da construção de estradas mais extensas, pontes e outros meios de comunicação e obras de pública utilidade fora das colônias.

13 - Quando a companhia introduzir maior número de colonos, que o estipulado na quinta condição, conceder-lhe-á o Governo por este excesso no fim de cada ano terrenos na proporção de uma légua quadrada para cinquenta famílias ou duzentas pessoas sob os mesmos encargos e vantagens estipuladas, exceto porém o ônus para o Governo, estipulado no artigo 18^o que somente tem vigor até preencher o número de dez mil almas.

14 - Estas estipulações terão vigor somente por quinze anos. No caso porém de não poder a companhia, por circunstâncias imprevistas, cumprir com as obrigações mencionadas na quinta condição, introduzindo nos primeiros dez anos menos número que o estipulado ficará por isso prolongado o termo concedido por mais dois anos para a vinda dos colonos, sem que contudo por estes dois anos seja o Governo abrigado às prestações estabelecidas no artigo décimo oitavo.

Artigo 24^o - Qualquer dúvida, que por ventura se der entre o Governo e a companhia sobre a interpretação de qualquer destes artigos não poderá, enquanto a companhia satisfizer o foro anual, autorizar o Governo a estabelecer foros ou impostos adicionais, ou a disputar a posse das terras concedidas à companhia e transpassadas ou vendidas por esta aos colonos, cujos títulos permanecerão firmes, válidos e invioláveis.

Cidade do Desterro, em 26 de março de 1848.

Doutor Hermann Blumenau.

PARECER DA COMISSÃO DE COLONIZAÇÃO A QUE FORAM REMETIDOS OFÍCIO, REQUERIMENTO E PROJETO ACIMA

A Comissão de Colonização a que foi entregue o projeto do Doutor Hermann Blumenau remetido pelo Presidente da Província tem a honra de apresentar à Casa seu parecer. – Sendo a Província de Santa Catarina a que em si tem menor número de braços escravos por que estão pelos dados estatísticos apresentados pelo Presidente em relação à população livre na razão de 1:6, e sendo igualmente a Província que mais tem sofrido com o recrutamento, mal este que há pouco esta Assembléia manifestou à Assembléia Geral, pedindo a isenção dele na Província, é sem dúvida da maior necessidade a introdução de braços livres em seu território. Tendo pois a Comissão de Colonização, feito um estudo profundo sobre o projeto do Doutor Blumenau, examinando com toda a atenção que reclama um projeto de tantas disposições, não pode deixar de considerá-lo sumamente importante e vantajoso à Província cuja mais urgente necessidade é a falta de braços que se empreguem na cultura das terras. Com o estabelecimento da colônia projetada pelo Doutor Blumenau agente da Companhia Protetora estabelecida na cidade livre e hanseática de Hamburgo, entende a Comissão que além do aumento da população, aquisição esta de bastante interesse vital, pois que a escravatura, que sensivelmente diminui terá um dia de extinguir-se, e muitas outras vantagens se oferece, tais como a afugentação do gentio, a rotação das terras incultas, maior soma de produtos agrícolas, e por consequência o abastecimento do mercado e finalmente o maior desenvolvimento de indústria e artes. – As condições a que se submete a companhia são certamente um seguro garantido das vantagens que para si pede, vantagens estas que redundam em grande proveito da Província, e talvez mesmo do Império. – Havendo no projeto disposições que só à Assembléia Geral pertence adotar, todavia entende a Comissão que não deve ser isso um motivo para se não admitir um projeto que tão vantajoso se oferece. – À vista pois de todas estas considerações e das vantagens incontestáveis que nesta ocasião se apresentam, e que não devemos desprezar: É a Comissão de Colonização de parecer que se adote o projeto, legislando esta Assembléia sobre o que pode legislar, dirigindo-se porém à Assembléia Geral pedindo-lhe a aprovação daquelas disposições do projeto, que só a ela pertencem, por estar fora das atribuições da Assembléia Provincial. A Comissão de colonização pois oferece à Casa não só a conveniente resolução que esta Assembléia pode adotar, como também a representação que sobre a colonização deve esta Assembléia dirigir à Geral. – Sala das Comissões, 3 de abril de 1848. – Alvim – Mendes – Ayres.

RESOLUÇÃO

A Assembléia Legislativa Provincial de Santa Catarina resolve:

Artigo 1º - À Companhia Protetora de Emigrados Alemães organizada na cidade de Hamburgo, e representada na Província pelo Doutor Blumenau são concedidas duas sortes de terras cada uma com a extensão de cinco a seis léguas em quadro.

Artigo 2º - A companhia poderá por meio de seus representantes escolher as sortes que lhe são concedidas dentre as devolutas, ou das que tenham caído em comisso podendo dividi-las pelos colonos como melhor lhe convier.

Artigo 3º - Os contratos entre a companhia e seus representantes e os colonos serão celebrados, guardados e observados na forma da Lei Provincial no. 49, de 15 de junho de 1836 na parte relativa à matéria deste artigo.

Artigo 4º - Nenhum colono, bem como nenhum outro indivíduo poderá arbitrariamente apossar-se de qualquer porção de terras da companhia, ou colonos, e o contrário fazendo poderá ser dela expellido em qualquer tempo, e não terá direito de exigir indenização de benfeitorias que por ventura a ela tenha.

Artigo 5º - A companhia poderá fazer sair das colônias para jamais a elas voltar aquele indivíduo, que por seu irregular procedimento possa perturbar a paz interna da colônia.

Artigo 6º - Fica proibida a entrada de escravos nas terras concedidas à companhia (ou naquelas que tanto a companhia como os colonos houverem por qualquer outro título) para o fim de se empregarem em serviço de qualquer natureza.

Artigo 7º - Para execução do artigo antecedente, e para o mais que for concernente à boa administração, e regularidade das colônias, deverá o presidente da Província organizar de acordo com o representante da companhia um regulamento interno das mesmas colônias, no qual dever-se-á designar o espaço de tempo que nas terras da companhia, e nas dos colonos podem demorar-se os escravos daquelas pessoas que ou de passagem, ou de negócios a elas se dirigirem, com designação das multas a impor-se, e da aplicação do seu produto.

Artigo 8º - O regulamento autorizado pelo artigo antecedente será provisoriamente posto em execução até que a Assembléia Provincial, à qual deverá ser apresentado logo que se ache instalada, o aprove ou modifique como lhe aprouver.

Artigo 9º - A companhia gozará de todos os privilégios, vantagens e isenções, que por Lei Provincial são concedidas ou forem para o futuro a qualquer outra companhia ou particulares que colonizarem na Província, satisfazendo ela as condições de reciprocidade estipuladas nas suas concessões.

Artigo 10º - Ficam revogados o Artigo 2º da Lei Provincial n.º 49 de 15 de junho de 1836, e todos os artigos e mais disposições que se a opuserem à presente lei.

Sala de Comissões, 3 de abril de 1848. – Alvim - Mendes – Ayres.

REPRESENTAÇÃO

Augustos e Digníssimos Senhores Representantes da Nação Brasileira.

A Assembléia Legislativa Provincial de Santa Catarina, reconhecendo o decidido zelo com que procurais promover o bem estar do país, bem como do interesse que tomais pela introdução de braços livres a fim de serem aproveitados imensos terrenos incultos, procurando assim desenvolver cada vez mais o gérmen da prosperidade e aumento do comércio, indústria e artes, que são sem dúvida as fontes da riqueza pública, julga de seu mui restrito dever fazer chegar à vossa augusta presença o incluso Projeto de Colonização pelo Doutor Hermann Blumenau agente da sólida Companhia Protetora de Emigrados Alemães constituída em Hamburgo como vereis do mesmo projeto apresentado ao presidente da Província, e por este remetido a esta Assembléia. Reconhecendo pois a Assembléia Legislativa Provincial de Santa Catarina, as grandes vantagens que podem resultar da realização de tão importante empresa, legislou sobre os artigos 1º, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 21, 22, por considerar a sua matéria nas atribuições que pela Lei Constitucional de 12 de agosto de 1834 lhe foram concedidas. Entendendo porém que não deve legislar sobre os demais artigos por serem de vossa privativa competência, tem deliberado trazê-los à vossa augusta presença, pedindo o vosso assenso, e igualmente o vosso mui poderoso auxilio em prol de uma empresa que muito promete ao engrandecimento desta Província e vantagens do país em geral. Augustos e Digníssimos Senhores Representantes da Nação Brasileira, a Assembléia Provincial de Santa Catarina julga desnecessário apresentar suas reflexões sobre as garantias que oferece, e sobre as condições a que se submete essa importante companhia: Vós as vereis no referido projeto. Julga porém bastante dizer-vos que confiando em vossas luzes e em vosso acrisolado patriotismo espera que confirmeis as disposições contidas nesse projeto, pois que sem dúvida reconheceréis sua grande utilidade. Paço da Assembléia Legislativa Provincial de Santa Catarina em 3 de Abril de 1848. = Alvim = Ayres Serra Carneiro = Mendes.

Esta representação foi aprovada na sessão de 15 de abril para ser enviada na mesma ocasião em que se enviasse à sanção o Projeto de resolução acima impresso, o qual depois de discutido foi aprovado pela forma que abaixo se vê, e enviado à sanção no dia 18 do sobredito mês de abril.

A Assembléia Legislativa provincial de Santa Catarina resolve:

Artigo 1º - À Companhia Protetora de Emigrados Alemães organizada na cidade de Hamburgo, e representada na Província pelo Doutor Hermann Blumenau são concedidas duas sortes de terras mais ou menos contíguas, equivalendo cada uma sorte à superfície ou extensão de cinco a seis léguas em quadro.

Artigo 2º - A companhia poderá, por meio de seus representantes escolher as sortes que lhe são concedidas dentre as devolutas, podendo dividi-las pelos colonos como melhor lhe convier.

Artigo 3º - Os contratos entre a companhia ou seus representantes e os colonos serão celebrados, guardados e observados na forma da Lei Provincial n.º 49 de 15 de junho de 1836, na parte relativa à matéria deste artigo.

Artigo 4º - Nenhum colono bem como nenhum outro indivíduo poderá arbitrariamente apossar-se de qualquer porção de terrenos da companhia ou dos colonos: e o que o contrário fizer poderá ser dele expellido em qualquer tempo, e não terá direito de exigir indenização de benfeitorias, que por ventura neles tenha.

Artigo 5º - Fica proibida a entrada de escravos não só nas terras concedidas à companhia como naquelas que tanto ela como os colonos houverem por qualquer título, para o fim de se empregarem em serviço seja qual for a sua natureza.

Artigo 6º - Para execução do artigo antecedente, e para o mais que for concernente à boa administração e regularidade das colônias, deverá o presidente da Província organizar de acordo com o representante da companhia um regulamento interno para as mesmas colônias, no qual dever-se-á designar o espaço de tempo, que nas terras da companhia e nas dos colonos se poderão demorar os escravos daquelas pessoas, que, ou de passagem, ou a negócios, a elas se dirigirem, com designação das multas que devam ser impostas, e da aplicação do seu produto.

Entrevistas

Memórias de Bernardo Wolfgang Werner (Continuação)

A. C. P. - Altair Carlos Pimpão (*Entrevistador*)

B.W.W. - Bernardo Wolfgang Werner (*Entrevistado*)

A.C. P. - É o "Fale Alto" pela UNISUL, trazendo hoje uma entrevista com o Dr. Bernardo Wolfgang Werner.

B.W.W. - Achávamos que tínhamos uma obrigação com a comunidade e isto fez com que não houvesse necessidade de remuneração. Fizemos a seguinte comparação: quantos presidentes e diretores de clubes de futebol, entidades religiosas e entidades culturais se dedicam e trabalham incessantemente, muitas vezes à noite, nos finais de semana e não recebem nada e ainda precisam investir algum dinheiro? Então, por que os vereadores deveriam ser remunerados? Foi uma decisão pacífica: ninguém receber nada! Lembro-me que no dia da posse fizemos uma vaquinha e compramos um bolo, vinte xícaras de cafezinho, colheres e açúcar...

A Câmara era muito bem administrada: tinha uma secretária, uma auxiliar e um office-boy. Hoje possui 30 funcionários...

A.C. P. - Essa foi sua participação como vereador em Blumenau. Mas o senhor foi para Florianópolis, foi eleito Presidente da FIESC e dizíamos: _ "O Dr. Bernardo não volta mais! Acho que virou ilhéu". Por que o senhor passou um tempo enorme lá, embora nunca tenha esquecido Blumenau? Talvez muita gente até nem saiba, mas se temos um tomógrafo computadorizado no Hospital Santa Isabel foi graças ao seu trabalho, à sua intervenção que o SESI fez uma doação. Evidentemente se o senhor não fosse o



Fonte: Entrevista nº 33 - HOF - 33.

Acervo: Arquivo Histórico de Blumenau.

presidente da FIESC, isto não teria acontecido. Esse complexo esportivo que hoje leva seu nome, e o senhor até não gostou da homenagem, mas se não fosse sua participação e presença inclusive dinamismo, acredito que não teria vindo para Blumenau. Eles iriam achar uma cidade mais interessante para colocar. Enfim, como o senhor decidiu ir para a FIESC? Inclusive abandonou sua empresa por um período. Dr. Bernardo, como o Sr. decidiu se envolver nessa organização? O Senhor já era o diretor-presidente da Eletro Aço? Quando é que foi para Florianópolis?

B.W.W. - Não. Isso foi um pouco diferente. Fui lançado em Florianópolis quando se pretendia fazer uma averiguação na Federação das Indústrias em 1968. Na época, a Federação não estava sendo administrada a contento da indústria catarinense, especialmente no que se refere à indústria de Blumenau, Joinville, Brusque e do Oeste. Ao mesmo tempo queria se proceder assim, mas sem melindrar ninguém. Escolheu-se então, Oscar Cid Renaux que cederia lugar ao Sr. Guilherme Renaux, o qual não é parente dele. Não seria assim uma averiguação para acabar, mas sim para modificar. Fui convidado a participar. Nunca tinha participado em termos sindicais, mas para poder estar lá, tinha que ser delegado do sindicato patronal daqui junto com a Federação para ter direito a voto. E como ali havia eleição, candidatei-me. Escolheram-me como delegado e assim fui a Florianópolis votar e me colocaram na chapa como 1º Vice-Presidente. Comecei como Vice-Presidente do Carlos Renaux e ingressei na vida sindical da Federação. O mandato dele passou e ninguém quis ser candidato. Carlos queria ser reeleito, mas houve ponderação por parte da empresa dele. Então não pôde se reeleger. Esta foi a única eleição que assisti na Federação que demorou dias, porque ninguém quis...

A.C. P. - Ninguém queria!

B.W.W. - Quem aceitou, eles não quiseram. Também enviaram para cá dois cidadãos dos quais um já está falecido e eram companheiros meus: “Você é ou não é homem? Você tem ou não tem brios?” Lembro-me que saí daqui e me perguntaram: “Você é candidato ou não?” “Vou votar e volto em seguida”. Saí daqui eleitor e voltei presidente. E começou a vida sindical, a vida como presidente da Federação. Fui eleito em 71 pela primeira vez, depois houve mais quatro reeleições. O mandato é de três anos, e como disse no início, gosto da vida comunitária. Quando vi que o presidente de uma Federação comanda SE-SI, SENAI, a Federação, o Centro das Indústrias, o Instituto Evaldo Lody que é o entrosamento de Universidade e Empresa, foi aí que comecei a criar projetos e implantá-los. Só para você ter uma idéia, durante todo esse tempo, im-

plantei no SESI 45 supermercados no Estado. Hoje o SESI é a maior rede de supermercados e fatura mais ou menos 10, 12 milhões de dólares por mês.

A.C. P. - Farmácias também?

B.W.W. - Sim. Quarenta e tantas, e o que acho foi mais benéfico ao povo catarinense, foram os centros profissionalizantes do SENAI. Quando assumi, havia na época, chamadas escolas, uma em Blumenau, uma em Joinville e hoje o SENAI tem 38. Quando saí da Federação havia 38, desde o Oeste Catarinense até o Sul, do Norte ao Planalto, em toda parte.

A.C. P. - O senhor implantou 45 supermercados, 45 farmácias.

B.W.W. - Profissionalizantes com formação.

A.C. P. - SENAI profissionalizantes... Esse de Brusque também?

B.W.W. - Era um laboratório de ciências, agora é centro de treinamento.

A.C. P. - Então são entidades que estão preparando, justamente a mão-de-obra que o Brasil tem carência.

B.W.W. - Pequeno detalhe, que acho muito importante e talvez 99% dos ouvintes não sabem, o SENAI forma por ano em Santa Catarina entre 22 e 25 mil novos profissionais.

A.C. P. - É impressionante, pessoas que saem dali com emprego certo, com boa remuneração, porque falamos muito que o Brasil tem sobra de mão-de-obra mas, na verdade, tem carência. Nós temos é sobra de gente.

B.W.W. - Precisamos qualificá-los.

A.C. P. - O senhor está contando sua vida, falamos que o senhor teria merecido ser prefeito de Blumenau, e o senhor não respondeu. O senhor não quis? Não lhe deram essa oportunidade? Ou não houve o desafio? Ninguém chegou e disse: " _ Bernardo! Por que você não assumiu isso?".

B.W.W. - Fui convidado várias vezes e especialmente em 1965, fui insistentemente solicitado para me candidatar a prefeito. Por várias razões não aceitei: uma porque era vereador há mais de 10 anos, conhecia bem os problemas de Blumenau na época, tinha uma atuação na Câmara razoavelmente reconhecida. E com a minha experiência administrativa na empresa, meus companheiros achavam que deveriam me convidar para ser candidato. Acontece que sou filho único e meu pai, na época, já estava doente e tive que assumir gradativamente a direção da empresa. Então não havia compatibilização entre uma função de

prefeito, onde você só pode exercer essa função desde que se dedique fundamentalmente a isso, ou então eu relaxaria na empresa. Optei pela empresa e foi escolhido outro candidato. Naquela época iria concorrer com um grande blumenauense que já faleceu. Éramos assim adversários respeitosos. Seria o Carlos Curt Zadrozny, que na ocasião concorreu e ganhou a prefeitura pela primeira vez pelo P.S.D., algo inédito na história. Mas outra pergunta que fiquei de lhe responder. Você disse que eu estava me afastando de Blumenau, ficando em Florianópolis...

A.C. P. - Doze anos!

B.W.W. - Doze anos. O pessoal até achava que não voltaria mais. Não é bem assim! Primeiro: não abandonei a empresa porque não posso abandonar meu "ganha-pão". Segundo: não abandonei Blumenau. Fiz um itinerário constante Florianópolis-Blumenau. Ficava lá uns dias e aqui outros, até que em 75, mudei para lá. Confesso que não estava muito inclinado a ficar em Florianópolis, porque não gostava, não da Ilha em si. Não gostava daquela morosidade que eles tinham, mas depois conheci mais de perto. O povo de lá é maravilhoso, um povo com o qual você pode viver bem. Há muita gente lá que ainda está procurando quem inventou o trabalho, mas isto nós temos aqui também. Em Blumenau também existe, como em Joinville, certamente. Hoje gosto de Florianópolis, tenho ainda meu apartamento, e volta e meia estamos lá. Mas, minha intimidade está aqui. Ainda estou atuando em Florianópolis. Criei na Federação, na época, uma entidade. Ela chama-se hoje "Previs". É uma entidade de Previdência Social de complementação salarial dos funcionários do SESI, SENAI e Federação. O cidadão que se aposenta pelo INPS, onde ganha aquela ninharia, tem a complementação por essa empresa e ela vai muito bem. Meu mandato vai terminar em agosto e então vou sair.

A.C. P. - Isso nas autarquias do Governo Federal existe também, mas é o governo que coloca dinheiro ali, não é?

B.W.W. - Ali, não. Nosso caso sempre...

A.C. P. - Não tem mordomias?

B.W.W. - Não. Como presidente desta entidade não ganho nada, sou campeão nisso. E como vereador, não ganhava, presidente da Federação não ganhava, vereador 15 anos, presidente 15 anos, dá 30.

A.C. P. - O senhor é um marajá português, tem vários empregos e não recebe em nenhum?

B.W.W. - Não conhecia isso ainda! É novidade.

A.C. P. - Ficou nesse "vai e vem", inclusive num desses "vens", o senhor sofreu um acidente que quase lhe custou a vida!

B.W.W. - Por pouco! Isso já faz 2 anos e meio. Há alguns dias estava discutindo que a nossa justiça é formidável. Ela é ótima!! Por mais que tenho amigos do poder judiciário, não sei o que fazer. Na época quando sofremos o acidente, movi uma ação, não de indenização, de cassação da carteira daquele fulano que já matou dois. E esse processo sumiu. Dizem que ficou engavetado não sei onde. Mas, a justiça chega até a entrar em greve!

A.C. P. - Em São Paulo o pessoal está quase 80 dias em greve, agora voltaram e vão trabalhar. Não quero criticar muito, porque já estou com uma série de processos nas costas da justiça e já critiquei uma vez...

B.W.W. - Acho que todo mundo está sujeito à crítica, se é Meritíssimo ou Excelentíssimo, isso não importa. Eu me sujeito a ser criticado.

A.C. P. - Dos três poderes, o executivo é criticado barbaramente.

B.W.W. - Os outros acho que são imunes.

A.C. P. - Então o senhor não abandonou Blumenau, continuou constantemente na sua empresa dando diretrizes, fazendo a empresa crescer. A Eletro Aço além de considerável empresa de peso, hoje ocupa que posição no cenário nacional entre as empresas de metalurgia?

B.W.W. - O peso lá é o aço. É pesado, mas eu diria que não dá, digamos, para avaliar em termos de grandiosidade, em termos de qualidade. Há no cenário nacional cerca de 25, 30 fundições de aço. Há pequenas, médias, grandes, novas e antigas. A Eletro Aço tem duas posições: uma é a 2ª mais antiga do país. A 1ª era a Fundição de Aço Paulista. Depois vêm aquelas que talvez você conheça, a Vilares, a Cobrasma, a Didimi, entre outras. E em termos de qualidade dessas 25 ou 30, meia dúzia são qualitativamente reconhecidas e têm imagem boa. Em face da sua qualidade e do seu desempenho tecnológico, entre essas seis estamos incluídos. Para nós é uma grande satisfação, porque estamos nesse rol das seis, e somos a única fora do Estado de São Paulo. Não temos problemas em termos de qualidade do nosso produto.

A.C. P. - Lembro-me que foi assim, um motivo de orgulho para todos os blumenauenses, catarinenses, quando saiu a notícia de que a Eletro Aço Altona iria fazer os eixos para os caminhões Scânia (Wabis), quando aquela empresa

sueca se estabeleceu aqui. Uma produção de caminhões. Então foi uma satisfação, porque o aço sueco é famoso no mundo inteiro. Muita coisa se importava da Suécia. Rolamentos, acho que até hoje, porque o aço era bom. De repente uma empresa de Blumenau iria fazer peças que são exigidas no dia-a-dia, sobretudo nas estradas brasileiras.

B.W.W. - Há 2 colocações aqui: primeiro, estamos fornecendo peças à Mercedes Benz há mais de 30 anos e cada caminhão Mercedes que se encontra na estrada, possui 37 peças diferentes na sua montagem, oriundas da nossa fábrica. E todo caminhão que tem carroceria Randão, tem muito mais peças nossas. Todo trator que você encontra na Caterpillar, tem peças nossas. Tanto que temos um atestado que recebe caso se preencha determinados quesitos da Caterpillar internacional, o qual diz que o produto da marca Altona, fornecido durante o exercício "tal e tal" teve aprovação excelente. E se não chegar no excelente, eles não dão o atestado. Com esse atestado vamos aos Estados Unidos e mostramos que aqui no Brasil não se planta somente banana, também se produz aço.

A.C. P. - O senhor está exportando também?

B.W.W. - Exportamos. Inclusive, para a Suécia, Itália, França, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, Canadá e até veio uma consulta recentemente do Japão.

(Fim)

**O crescimento
do mercado
interno numa
Colônia do
Império –
O caso de
Blumenau:
1850 – 1880
(Parte 3)**

TEXTO:

**ANSELMO
ANTÔNIO
HILLESHEIM***



Poupança na Colônia Blumenau

I- Introdução:

Uma das medidas de poupança do imigrante era o poder de aquisição de terra. Assim que aqui chegava, era-lhe destinado, à livre escolha, um lote pago em parcelas, conforme especificado em contrato de compra e venda. As terras deveriam ser pagas dentro de quatro a cinco anos e a juros de 6% ao ano.¹ A aquisição de posse definitiva da terra se fazia através dos rendimentos dos trabalhos dos colonos em obras públicas, contratados pela administração da colônia, bem como pelos lucros auferidos da venda dos produtos agropecuários. No caso, seriam os oriundos da produção excedente. A capacidade de poupança da colônia se ampliava com a multiplicação dos engenhos para os diversos fins. Contribuíram para a melhoria da qualidade da produção e conseqüentemente para a conquista de novos mercados nacionais. Esta melhoria está ligada ao crescimento econômico da colônia. Baseava-se na variedade de produtos exportados. As exportações por certo trouxeram lucros para a renda da colônia e a incrementação de desenvolvimento da produção agropecuária. Não foi só o pagamento das terras e dívidas dos colonos, nem só a “produção excedente” que refletiram a capacidade de poupança. Houve vários meios pelas quais acontecia a poupança. Entre eles podemos citar o emprego da mão-de-obra existente. Em obras públicas e particulares, junto com a utilização dos trabalhadores

¹ SILVA, HISTÓRIA, p. 75

braçais e do colono recém-chegado. A construção das vias de comunicação para os núcleos coloniais, no interior da colônia, das estradas para Itajaí e Curitiba e os melhoramentos para a navegação fluvial, vieram por sua vez facilitar o escoamento da produção e o deslocamento da população, criando melhores condições para o desenvolvimento econômico e social.²

Inicialmente, o desenvolvimento da capacidade de poupança foi lento. Isto constata-se nos primeiros quinze anos, mais ou menos. A população lutava com muitas dificuldades e meios precários de sobrevivência. Eram mínimos os meios e condições de poupança. O imigrante recém-chegado necessitava de ajuda de diárias e adiantamentos até estar em condições de se manter. Mesmo assim, depois dos primeiros meses, muitos dependeram de contínuos adiantamentos particulares concedidos pelo Dr. Blumenau. O mesmo aconteceu com a implantação dos primeiros engenhos e fábricas, por não haver capital de giro suficiente para a instalação e expansão. Esta situação só começou, à medida que a produção excedente passou a crescer e a abastecer o mercado nacional. O crescimento da exportação entre 1863 e 1881 nos sugere que a capacidade de poupança aumentou gradualmente. Mesmo sendo relativamente exíguos os dados que temos, há condições de demonstrar o crescimento de poupança entre 1860 e 1880, baseando-se nos Mapas Estatísticos e Relatórios descritivos do período. Esta documentação oferece meios para o estudo e análise deste setor básico ao crescimento econômico da colônia.

II – Capacidade de crédito

Os livros caixa de Victor Gaertner: 1863-1871, dão condições para análise da expansão de crédito da colônia. São livros caixa de contas correntes nos quais estão expressas as contas deste estabelecimento comercial que abastecia a colônia. Estas contas incluem contas de colonos, da Direção da colônia e de negociantes. A casa comercial de Victor Gaertner parece ter sido uma venda “quase oficial” da colônia. Victor Gaertner era sobrinho e colaborador do Dr. Blumenau e este manteve créditos altos à firma, chegando em 1871 a ter 55 contos de crédito.³

Os colonos que mantiveram créditos junto a Victor Gaertner residiam em sua maioria próximos à sede. Pelo censo de 1872, dos quarenta e oito que

² BLUMENAU, Relatório Descritivo. 15.1.1877. A.H.B. 4/12.

³ GAERTNER, Victor. Livro-caixa, 1863-1873, 3 vol. Ms.A.H.B.

conseguimos localizar definitivamente 732 residiam dentro, ou próximos à sede (Stadplatz).⁴ As contas apresentam valores bem variáveis, dos quatrocentos réis de débito do colono Franz Bader aos sete contos do Pastor Hesse. As contas apresentam uma média em torno de 540\$000. Sessenta e cinco por cento dos clientes liquidaram parte ou todas as dívidas, o que nos dá um percentual de pagamento bastante positivo. Fazendo um levantamento geral constatou-se que 66,8% do crédito usufruído, havia sido saldado ao fim do ano de 1871. Essas percentagens demonstram a capacidade de pagamento e poupança da colônia.

Assim sendo, vemos que o desenvolvimento econômico dava aos habitantes de Blumenau condições de usufruírem de crédito para a compra de material importado. Vemos ao longo dos anos que produtos importados e de necessidade imediata sempre constaram na pauta de importação. Os colonos compravam porque obtinham créditos e porque tinham condições de saldar os compromissos financeiros.

III – Poupança por compra de terra

Consideremos a aquisição do lote colonial como um investimento básico para o colono. É um ponto de partida para os novos empreendimentos. A terra era o alicerce da produção da colônia. É sobre ela que o colono fazia o cultivo, a pastagem e as edificações necessárias ao desenvolvimento. O colono bem situado, com engenhos, com armazéns, estábulos e áreas de pastagem, além de terras para o cultivo e experiência no trabalho rural, tinha meios para aumentar as rendas agropecuárias e uma capacidade de poupança. Uma das fortes atrações do imigrante europeu era a perspectiva de posse de terras próprias. Era sua esperança estabelecer-se e desenvolver a propriedade, que lhe proporcionaria uma independência econômica. Assim transpunha o Atlântico em busca de novas fronteiras de produção e poupança. Aqui, adquirindo o lote concretizaria o seu ensejo. Para que pudesse usufruir de todos os direitos sobre o lote adquirido, devia primeiro cumprir todas as cláusulas constantes da designação de lotes de terras, pagando o preço das terras e outras dívidas acumuladas.⁵ Só então recebia o título definitivo de posse. Essa era uma meta importante para o blumenauense.

A situação de posse definitiva de terras, em 1876, indicava que 182 títulos definitivos haviam sido expedidos, havendo outros 64 proprietários com

⁴ Censos da Colônia Blumenau, 1869 e 8. 1872. A.ILB. 4/8/9.

⁵ Veja acima pp.

todas as obrigações saldadas e com o respectivo processo de posse definitiva em andamento, junto aos órgãos públicos.⁶ Considerando a posse como um passo importante para a vida da colônia e do imigrante, em 1876 10,5% dos proprietários de lotes coloniais haviam conseguido a posse definitiva. Assim 16 anos após a passagem da Colônia Particular, quando o sistema de aquisição era diferente, à colônia imperial, ainda era restrito o número de colonos ao número de proprietários que adquiriram títulos provisórios até 1863. Verificamos que o número é significativo, 246 para 441. Sugerimos, então, que a capacidade de aquisição definitiva do lote era um processo demorado. Infelizmente, não dispomos de dados, que nos permitem saber como este quadro se modificou após 1876. Sugerimos, porém, que o volume de posses definitivas teria aumentado desta data para frente. A Tabela III-1 Lavradores Proprietários 1861- 1880, indicam quantas pessoas haviam adquirido posse provisória e mostra que em todos os anos o número de proprietários cresceu, acompanhando o crescimento da imigração e da população da Colônia.

Tabela III - 1 Lavradores Proprietários - 1861 - 1880			
Ano	Proprietários	Ano	Proprietários
1861	279	1871	1427
1862	362	1872	1200
1863	441	1873	1282
1864	476	1874	1388
1865	537	1875	-
1866	574	1876	2345
1867	808	1877	2488
1868	1083	1878	2727
1869	1400	1879	2897
1870	1423	1880	2948
Fonte:	Mapas Estatísticos da colônia Blumenau - 1861 - 1880 A.H.B. - 4/4/13. Relatório Descritivo da Colônia Blumenau - 1861 - 1880 - A.H.B. 4/4/13.		

⁶ BLUMENAU, Relatório Descritivo, 15.1.1877, A.H.B. 4/12.

IV – Pagamentos das dívidas acumuladas

Ao entrar na colônia para se estabelecer, a maioria dos imigrantes se via obrigada a assumir dívidas. Estas eram contraídas pela aquisição dos alimentos indispensáveis à sobrevivência e à manutenção da família. Esta situação perdurava, enquanto não houvessem ainda cultivado a terra e plantado alguma cultura que lhes suprisse as necessidades primárias. Outra dívida que o imigrante assumia era a da compra do lote de terra. De 1862 em diante, possuímos dados que nos permitem calcular as dívidas assumidas pelos colonos e as quantias pagas.

A Tabela III- 2 mostra o crescimento do endividamento dos colonos, que a fim de se instalarem tiveram que adquirir terras, efetuar construções, cercar pastos, o que os levou a se endividarem. A expansão e endividamento eram consequência natural da contínua imigração e do crescimento da colônia. Todo desenvolvimento econômico requer investimentos. Partindo deste princípio, observa-se, também, o crescimento dos pagamentos contra as dívidas assumidas. Este crescimento de pagamento demonstra concretamente a crescente produtividade da economia e que havia produção para a demanda do mercado que estava sendo suprido com a produção excedente. Apesar do rápido crescimento da dívida, cresceu mais rapidamente a capacidade de pagamento, como mostra o aumento da percentagem da dívida saldada, que passou de 6,47 em 1865 a 15,43% em 1878.⁷

Este crescimento nos permite uma visão do potencial econômico que assegurava à colônia condições de uma evolução contínua. As flutuações de endividamento refletem os períodos de alta e baixa, na entrada de colonos e as flutuações da economia local.

⁷ O acúmulo de dívidas e também de pagamentos teve seu início antes de 1862. Sendo, porém, os dados sobre o período anterior falhos, não foi possível levar estas contas à Tabela III-2. Portanto as percentagens de pagamentos antes de 1864 refletem uma situação irreal, pois os pagamentos incidem em parte sobre dívidas não capitalizadas na Tabela. Acreditamos que após 1864 o efeito das dívidas anteriores já se tenham diluído.

Tabela – III- 2 Endividamento e Pagamentos na Colônia Blumenau - 1862-1878 - (Em milréis)

Data	Dívida do ano	Dívida acumulada	Pagamento do ano	Pagamento acumulado	% da dívida acumulada paga
1862	12:041\$	12:041\$	2:732\$	2:732	22,69
1863	22:915\$	34:956\$	3:063\$	5:795	16,58
1864	12:591\$	47:547\$	839\$	6:634	13,95
1865	68:504\$	116:051\$	877\$	7:511	6,47
1866	15:246\$	131:297\$	5:364\$	12:875	9,81
1867	63:929\$	195:226\$	3:052\$	15:927	8,16
1868	152:442\$	347:668\$	6:512\$	22:439	6,45
1869	96:124\$	443:792\$	8:922\$	31:361	7,07
1870	19:757\$	463:549\$	9:208\$	40:569	8,75
1871	664\$	464:213\$	5:910\$	46:479	10,01
1872	481\$	464:694\$	11:598\$	58:077	12,50
1873	22:645\$	487:339\$	15:881\$	73:958	15,18
1874	25:132\$	512:471\$	13:661\$	87:619	17,10
1875	68:533\$	581:004\$	7:266\$	94:885	16,33
1876	192:241\$	773:245\$	15:269\$	110:154	14,25
1877	28:600\$	801:845\$	8:773\$	118:927	14,83
1878	18:935\$	820:780\$	7:694\$	126:621	15,43

Fontes: Mapas Estatísticos Colônia Blumenau - 1862 - 1879. A.H.B. 4/4/13.
Relatórios Descritivos Colônia Blumenau - 1862 - 1879. A.H.B. 4/4/13.

Tabela - III - 3 - Índice de crescimento de estabelecimentos rurais e industriais - 1861 - 1880

Data	Beneficiamento de produtos Agrícolas	Beneficiamento de produtos Primários	Indústria de Produtos Agrícolas
1861	89,34	46,67	33,33
1862	101,78	46,67	55,56
1863	102,96	60,00	72,22
1864	97,04	80,00	100,00
1865	100,00	100,00	100,00
1866	102,37	100,00	166,67
1867	101,78	93,33	161,11
1868	114,20	120,00	194,44
1869	127,81	186,67	22,22
1870	138,46	186,67	27,78
1871	143,79	213,33	27,78
1872	143,79	226,67	27,78
1873	150,30	246,67	38,89
1874	154,44	266,67	33,33
1875	180,47	266,67	44,44
1876	211,24	266,67	55,56
1877	224,26	280,00	83,33
1878	255,62	280,00	83,33
1879	268,05	266,67	88,89
1880	278,70	293,33	116,67

Conclusão

A colônia Blumenau desenvolveu-se através da produção agropecuária, que marcou o crescimento do mercado interno. Com o fortalecimento, deu-se a exportação no mercado nacional. Contraíndo dívidas, expandindo a produção, trabalhando em quase todas as atividades da colônia, o imigrante auferiu rendimentos que lhe permitiram desenvolver sua capacidade de poupança interna.

Demonstramos que a colônia cresceu utilizando-se de todos os meios ao seu alcance.

A população inicialmente pequena e desconfiada, aos poucos, começava a acreditar em sua capacidade e na do fundador; os colonos assumiram sua função, fixando-se na colônia. O crescimento da população nos primeiros anos foi lento e a fixação à terra nem sempre era efetiva. Muitos em contato com outras áreas e centros maiores, procuravam trabalhos, onde pudessem realizar-se dentro de sua qualificação profissional. Na busca de novas oportunidades a colônia ficou prejudicada no que tange à mão de obra qualificada. O crescimento da população dá-se mais dedicadamente após os anos sessenta. A colônia havia passado ao Governo do Império, recebendo maiores contribuições que a tornaram importante já naquela época. Neste período os filhos dos primeiros imigrantes já constituíam família. A população estava bem representada em número e o desenvolvimento dava-se com maior intensidade nos núcleos coloniais. A imigração que, inicialmente, também foi lenta, aos poucos começou a chegar em maior número. A presença do imigrante representava a continuidade da obra iniciada. Deve-se ao imigrante europeu a existência da colônia e a presença de mão-de-obra qualificada e variada. Ele veio na esperança de obter melhores condições para a sobrevivência, obtendo o seu próprio lote de terra. Para ele era questão de honra conseguir a posse definitiva do lote, o que lhe asseguraria maiores possibilidades e meios para a efetiva poupança. O lote colonial que oferecia condições para o cultivo e a preparação das terras, aos poucos, foi tendo aplicadas novas técnicas para o cultivo; o uso do arado de ferro. Assim sendo a renda era maior, pois com a aplicação de meios mais propícios no cultivo da terra poderia dedicar-se à agropecuária extensiva com maior rentabilidade de produção.

A mão-de-obra e a indústria de beneficiamento foram dois fatores que contribuíram na expansão e desenvolvimento da colônia. A mão-de-obra em abundância impulsionou todas as atividades, tornando-se a mola propulsora do desenvolvimento de Blumenau Colônia.

As indústrias de beneficiamento favorecem grandemente na transformação e processamento da produção, oferecendo melhores condições para a economia de mercado.

A infra-estrutura e investimento governamental mereceu atenção especial por parte dos órgãos públicos. Inúmeras foram as obras públicas encetadas pelo governo do Império que investiu somas elevadas, tanto em construções de edifícios e demais obras públicas, como em vias de comunicação para a integração social do imigrante e o escoamento da produção.

Ao programa de colonização obedecendo princípios e a elaboração de um estatuto que determinava como deveria ser orientada a vida na colônia. Dr. Blumenau procurou levar a efeito os objetivos da colonização, procurando incentivar a entrada de imigrantes, auxiliando-se com investimentos particulares e após 1860 com a ajuda dos adiantamentos do Governo do Império. A colonização consolidou-se a partir de 1870 em diante, quando já existiam muitos meios para promover sua evolução e continuidade e melhores condições de trabalho, produtividade e melhoria das vias de comunicação.

No mercado interno, mostramos a validade do modelo e a aplicação, baseando-nos em fatores conhecidos de despesas e investimento. O modelo desenvolveu-se à medida em que os dados foram sendo coletados, selecionados e colocados em tabelas. Ele reflete diretamente na economia da colônia, procurando integrar todos os valores possíveis embora tenhamos mantido uma posição um tanto conservadora. Para que o modelo se desenvolvesse mais concretamente, seria necessário enfoque maior de dados, o que o enriqueceria e lhe daria maiores perspectivas. A realidade deste modelo se baseia em seu cálculo. O desempenho do modelo refletiu, fielmente, os dados conhecidos, calcados em cálculos conservadores. Prova a existência do mercado interno forte que se refletiu na produção de subsistência e produção excedente. A exportação constava de uma variedade de produtos agropecuários. A exportação, ao sair da colônia, pagava a maior parte das importações e esta já está incluída no mercado interno. Entre 1863 e 1876, podemos verificar o processo de crescimento se intensificando à medida que aumentava o ritmo do crescimento populacional. Concluindo, queremos ressaltar as características um tanto conservadoras do modelo do mercado interno.

As implicações do modelo são importantes. É clara a existência de um mercado interno que se ampara sobre a “ produção excedente”. O modelo, também, sugere que à medida que crescia o mercado interno, aumentava-se a capacidade de poupança na colônia.

Analisando a capacidade de poupança e a capitalização do colono blumenauense, vemos que tinha alcance para um investimento que lhe desse con-

dições de se estabelecer, adquirir terras e produzir com uma margem de rendimentos que lhe gerasse bons lucros. Pela capacidade de poupança, ampliavam-se ao colono condições de multiplicação dos engenhos para os diversos fins e que contribuíram na melhoria da qualidade de produção e conseqüentemente lhe ofereciam novas conquistas no mercado nacional. Esta melhoria está intimamente ligada ao crescimento econômico da colônia. Assim, com uma produção qualificada, com melhores condições de ampliar seus rendimentos particulares obtinha condições para aumentar a capacidade de pagamento de dívidas. Impulsionando a poupança, abriam-se novos horizontes, novas fontes de rendimentos e novos empreendimentos. Surge assim o grande índice de crescimento dos estabelecimentos rurais e industriais que vão mudar o ritmo interno de crescimento e beneficiamento da produção. Marca presença um ritmo evolutivo da colônia que se expande até os mais longínquos núcleos coloniais. Estes se integram na linha de produção e fortalecem, juntamente com a sede, o mercado interno e nacional.

A capacidade de crédito é demonstrada nos livros-caixa de Victor Gaertner (1863 – 1871). Dão condições para análise da expansão de crédito na colônia. São livros caixa de contas correntes nos quais estão expressas as contas deste estabelecimento comercial que abastecia a colônia. Os colonos que mantinham crédito junto a Victor Gaertner residiam próximos à sede, em sua maioria.

Pelo estudo feito, vemos um crescimento das dívidas, acompanhando o crescimento da colônia. Existia um equilíbrio entre um e outro.

Durante a primeira metade do período de Blumenau colônia, as necessidades de instalação e sobrevivência dificultaram o processo de poupança. A partir de 1865 em diante, com um ritmo de crescimento na pauta de exportação crescimento do mercado interno, houve boas perspectivas para ampliação, o que deu à colônia uma independência econômica e desenvolvimento.

**A História
Natural e a
questão da
diferença**

MARLON
JEISON
SALOMON*

A história natural havia desde o seu início colocado para si a questão da compreensão da diferença. Desde finais do século XVII, quando definitivamente, o princípio analógico que regulava o conhecimento da natureza, sai de cena, ela passará a pensar a própria relação dos seres vivos entre si. Assim, no século XVIII, a história natural que se constituirá, terá como objetivo, justamente, observar e descrever o conjunto de diferenças da natureza; a história natural no século XVIII procurará se definir como um conjunto de métodos pelos quais se definiria os seres vivos como objeto de estudo para uma possível classificação, e quais as relações de ordem que se estabeleceriam entre eles¹. Ou seja, não uma pura diferença mas uma diferença em relação à ordem dos seres: a história natural irá procurar através destes caminhos, “reencontrar a verdadeira ordem que existe na natureza”².

É neste sentido que poderíamos compreender os relatos dos viajantes europeus que a partir do século XVIII se deslocaram para o Brasil. Se para eles se tratava de registrar a diferença marcante da natureza, não era porque em si, a natureza era diferente, mas porque era o que se abria a seus olhos. Vejamos isso mais de perto através de dois relatos de viajantes que passaram por Santa Catarina, o primeiro na segunda metade do século XVIII e o segundo no início do século XIX.

* Mestrando no Programa de Pós-graduação em História Cultural na UFSC, bolsista CAPES. Agradeço ao professor Dr. Élio Serpa e ao historiador e amigo André Voigt - profundo conhecedor da história catarinense - pelas críticas e sugestões que me fizeram após a leitura deste texto.

¹ Cf. FOUCAULT, Michel. “La situation de Curvier dans l’histoire de la biologie”. In: FOUCAULT, M. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994. Tome II. pp. 30-66.

² JACOB, François. *A Lógica da Vida: uma história da hereditariedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 56.

Antoine Joseph Pernetty esteve em Santa Catarina no final de 1763, e o seu relato é significativo, pois ele escreveu, além de suas impressões de viagem, uma “História Natural da Ilha de Santa Catarina e da Costa do Brasil”. Georg Heinrich von Langsdorff esteve em Santa Catarina no final de 1803, e além de suas impressões de viagem, deixou bem claro ao leitor que “a história natural não era objetivo de sua descrição de viagem”³.

Em seus relatos, tanto um quanto o outro, procuraram destacar a abundância da diferença da natureza local. Mesmo se preocupando em destacar em seu relato, de que não faria história natural, Langsdorff procurou registrar suas observações da natureza sempre em relação as classificações da história natural, ou seja, pensar os seres observados em relação as classes, ordens e espécies.

Assim, a diferença saltava aos olhos já de início. Em suas primeiras impressões da Ilha de Santa Catarina, Langsdorff, que não via o momento de descer em terra firme, dizia que “a floração tão variada em cores, tamanho, constituição e variedade, exalava na atmosfera uma mistura de perfume agradável, que a cada inspiração fortificava o corpo e vivificava o espírito”⁴. Já Pernetty em seu relato, procurou fazer da descrição de suas observações, reduções em termos de classificação. Ele procurou sempre discutir com outros autores os quadros classificatórios em que se inseriam os seres observados, justamente o contrário neste sentido, do que fez Langsdorff, que os reconhecia já classificados e sempre procurava destacar as diferenças recolhidas.

Porém, entre os dois relatos, há mais convergência do que descontinuidade. Se a diferença salta aos olhos, é também porque nesta região, boa parte dos seres vivos existentes, estão ainda por serem classificados. “A grande quantidade de animais desconhecidos, a observação de seu modo de vida naquelas regiões tão longínquas das nossas, haveriam de entreter centenas de pesquisadores das coisas da natureza durante anos, com a riqueza e variedade do reino das plantas”⁵. Neste sentido, Pernetty fará em seu relato a própria observação naturalista, enquanto que Langsdorff, procurará desta-

³ Estes relatos foram organizados e publicados em separado em HARO, Martim Afonso Palma de (org.). *Ilha de Santa Catarina: Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. 4a. ed. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1996. 236p. O primeiro relato encontra-se entre as páginas 75 e 108, e o segundo entre as páginas 157 e 184.

⁴ Langsdorff, p. 162.

⁵ Idem, p. 183.

car que fizera em sua viagem, a coleta de inúmero material que deverá ser ainda classificado.

Já em seu primeiro dia em terra firme, Langsdorff saiu para coletar plantas e insetos, saiu em busca da diferença. “Tudo o que via ao meu redor causava-me admiração por sua novidade e dava-me uma impressão tal que só pode ser sentida, nunca descrita. - À noite voltei ao navio empolgado e rico em plantas e insetos; todos os que estavam presentes admiravam-se da quantidade, tamanho, variedade, beleza e coloração das borboletas”⁶, enfim, todos se admiravam com tamanha diferença.

Mas não bastava a estes viajantes reconhecer e reafirmar que se tratava de um local onde a diferença deveria ser observada e registrada. Tratava-se também de reconhecer onde a diferença se apresentava com maior variação. Para Pernetty, isto se encontraria no reino animal, especificamente com os pássaros. “A parte do reino animal que deve ocupar mais a um naturalista na Ilha de Santa Catarina e no Brasil, é a da História dos pássaros, aquela onde a natureza parece ter ostentado maior magnificência e variedade”⁷. Para Langsdorff, isto também se encontraria no reino animal, especificamente entre os “animais perigosos”. “Apesar de as florestas serem muito belas e as regiões tão atraentes, existe, no entanto, uma quantidade de cobras venenosas e animais perigosos que dificultam a caminhada do peregrino”⁸.

Pernetty recolheu tipos diferentes de pássaros como amostra de suas observações. Recebeu um papagaio de presente do governador e adquiriu ainda outro de um espanhol que viajava com eles e que havia recolhido quatro destes pássaros na Ilha. Entre todos, ele reconheceu três espécies diferentes e ficou impressionado com a infinita diferença das cores que um mesmo pássaro como este poderia possuir. Segundo o governador “esta variedade era devida, em parte, à arte e a natureza”⁹. Sua embarcação também recebeu do governador 50 peles de tucano que se destacavam pelas cores apresentadas.

Já Langsdorff em sua estadia na Ilha, procurou recolher a maior quantidade possível de borboletas. Ele fez inúmeras expedições a diferentes

⁶ Langsdorff, 162.

⁷ Pernetty, p. 95.

⁸ Langsdorff, p. 181.

⁹ Pernetty, p. 95.

lugares com o objetivo de recolher o maior número de diferentes espécies possíveis.

Assim, observar a diferença se constituía como o próprio *métier* destes viajantes; entender como esta infinidade de seres conviviam num mesmo local, era também compreender algo mais profundo, era compreender a própria ordem dos seres vivos dispostos na natureza. Assim, sob esta infinita diversidade, sob o caos aparente do qual a diferença emergia, deveria-se procurar reencontrar a verdadeira ordem que existiria na natureza, donde a necessidade de um método classificatório. Desta forma, ao registro da diferença sucedia a classificação.

Mas como se produzia esta diferença? Em primeiro lugar, havia uma explicação, e esta não advinha da existência de um “meio” que propiciasse ou que determinasse sua produção¹⁰. Tanto para Pernetty quanto para Langsdorff, a explicação é uma, e está implícita em suas descrições. Para eles, o que possibilitava a existência da diferença, da forma como eles a encontravam, era o *clima*.

Primeiramente, devido a existência de um “ar insalubre”. Os bosques das florestas, são lugares onde o sol jamais penetra, e é de lá que se elevam os “vapores densos” que o observador percebe no “alto das montanhas que cercam a Ilha”. Já as partes baixas ficam do final da tarde, por volta das seis ou sete horas, até o outro dia, sem qualquer contato com a luz do sol, e sendo estas partes alagadas, produzem vapores que circulam no “ar fechado” e que em geral possuem um “odor lodoso”, que somente é “corrigido levemente pela quantidade de plantas aromáticas”. “Entretanto, fica-se recompensado deste abandono da natureza pela singularidade dos animais e das plantas produzidas por este clima. A Ilha é amaldiçoada pelo homem rico que quer gozar, mas é muito cara aos naturalistas”¹¹.

No verão, diariamente chove e sendo assim, o ar é permanentemente úmido. Isto devido às “verdes correntes montanhosas mais altas” que atraem as nuvens que precipitam, e fazem chover nos vales garantindo assim “ao reino animal e vegetal alimento e água aos riachos e rios”. “Quanto mais quente for o dia, tanto mais certas são a trovoada e a chuva à noite. Esta permanente umidade e constante calor podem ser considerados como

¹⁰ No século XVIII não havia qualquer relação entre o meio ambiente com os organismos vivos; a própria noção biológica de “meio” era inexistente segundo Georges Canguilhem. Cf. FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*. 6a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 171.

¹¹ Pernetty, p. 86.

a causa principal da grande riqueza e da variedade dos reinos vegetal e animal...”¹²

Assim, se tanto para Langsdorff quanto para Pernetty, a diferença é produzida pelo clima insalubre do local, para o primeiro, isto não terá influências sobre a população local, enquanto que para o segundo, isto será motivo de grande influência negativa sobre os moradores locais¹³.

Desta forma, vemos que no século XVIII, a história natural por inúmeros motivos, é o estudo da diferença inscrita na natureza. Ela estará procurando saber como a diferença está articulada entre si na ordem da natureza, e fará isto através da classificação dos seres vivos, produzindo ainda explicações que justifiquem a existência desta diferença. Assim, por exemplo, quando os viajantes europeus se deslocarem para estas regiões, onde realizarão observações que serão descritas em seus “Relatos de Viagem”, compreender a diferença da natureza nada mais será, do que o *possível* a ser feito.

Porém, esta questão se transformará no século XIX. A história natural ao sair de cena dando lugar a biologia, levará consigo também a questão da diferença. A questão deixará de ser a compreensão do conjunto de diferenças que ligam os seres vivos entre si; a partir de então, o importante será conhecer os indivíduos, pelas variações individuais, ou seja, pela repetição da semelhança, tema do evolucionismo. Assim, quando em meados do século XIX, Fritz Müller repousar seu olhar sobre os crustáceos do litoral catarinense, a diferença, tema da história natural, não estará mais presente na ordem dos saberes sobre a natureza: este é o momento em que a biologia estará se constituindo, e neste sentido, Fritz Müller (como ele mesmo admira), não estará fazendo nada de diferente do que se fazia então na Europa.

¹² Langsdorff, p. 165.

¹³ Cf. Pernetty, p. 86; Langsdorff, p. 165.

Biografias

Maria Altenburg – mulher blumenauense

GRETE
MEDEIROS*



Muitos homens blumenauenses já foram lembrados nesta revista. Eis aqui uma mulher que não deve ser esquecida.

Alguns moradores da antiga “Kaiserstrasse”, agora Alameda Rio Branco, talvez se lembrem da imponente figura de Maria Altenburg, a “Frau Altenburg” como era chamada e respeitada por todos que a conheciam.

Maria e Clara Breithaupt eram filhas do casal Breithaupt, já nascidas em Blumenau, no “Vorstadt”, hoje rua Itajaí.

Maria saiu cedo de casa para reunir-se aos seus irmãos já estabelecidos em Santos, estado de São Paulo, onde mantinham um comércio de artigos femininos. Hoje seria chamado “Butique”. Na pequena loja encontrava-se tudo que alegrava os corações de mocinhas e senhoras.

Clara seguiu seu caminho aqui mesmo fazendo em Florianópolis o curso de professora. Possuidora de seu diploma, ela estava apta para lecionar.

Luiz Altenburg, bem sucedido comerciante em Gaspar, casado com Gertrud Wagner, pai de uma grande prole, contratou-a como governanta para seus filhos. Gertrud e Clara se tornaram amigas e juntas cuidaram dos filhos. Quis o destino que Gertrud não resistisse à grave doença que a acometeu e veio a falecer.

Grandes dificuldades surgiram para Luiz. A situação tornou-se caótica com a volta de Clara à casa paterna.

Na época não ficava bem uma moça jovem e bonita, solteira, permanecer na casa de um viúvo ainda jovem.

Luiz não podia continuar sozinho com as crianças e resolveu casar-se de novo.

Depois de muito pensar veio até Blumenau, à casa dos Breithaupt, pedir a mão de Clara em casamento.

* Colaboradora da Revista “Blumenau em Cadernos”.

Foi assim que Clara assumiu os filhos de Gertrud e tornou-se a segunda esposa de Luiz.

Começou uma nova vida para o jovem casal. Aos poucos surgiu o amor entre o casal. Luiz sentia-se orgulhoso da jovem esposa e viajou à velha pátria, Alemanha, para apresentar aos parentes a jovem e bonita esposa.

Clara teve sete filhos, quando o destino abateu-se novamente sobre a família.

Clara morreu de parto do seu sétimo filho.

Foi grande a dor de Luiz e repetiu-se então o drama da viuvez, agora com mais filhos. Do primeiro casamento já havia moças casadoiras tratando do enxoval. Os outros eram pequenos demais para ficarem sem mãe.

Luiz então lembrou-se de sua cunhada que vivia em Santos. Pediu encarecidamente que ela viesse cuidar dos sobrinhos.

Maria respondeu conforme os costumes da época: só casada. Resolveram então casar o mais depressa possível.

Maria veio morar em Gaspar e cuidar dos sobrinhos. Assumiu os enteados como verdadeira mãe. Fico pensando como deve ter sido difícil para ela, acostumada em cidade grande. Ela não tinha a mínima prática em cuidar de uma família e de uma casa. Maria dissolveu a sociedade que ela tinha com o irmão e trouxe no navio, de propriedade de seu futuro esposo, a parte que coube a ela do negócio.

Foi realmente um ato de grande coragem. Sem prática de cuidar de uma casa ainda mais com uma família, mostrou a grande fibra que possuía esta mulher. Os sobrinhos pequenos a aceitaram logo como mãe. Com as moças casadoiras ainda foi mais fácil; Maria tirou de letra. Ela abriu os baús cheios de rendas, sedas, fitas e flores que encheram os olhos das mocinhas criadas em cidade pequena.

Maria distribuía fartamente tudo o que trouxe. Arregaçou as mangas e dedicou-se de corpo e alma à confecção dos enxovais. Estabeleceu-se então uma troca. As meninas maiores cuidavam dos pequenos e assim Maria teve liberdade para trabalhar no que ela entendia.

O resto da casa ficou entregue a bons empregados.

Chegou o dia que Luiz Altenburg entregou a seu filho a casa comercial e mudou-se para Blumenau. Adquiriu uma grande extensão de terra na “kaiserstrasse” onde viveu até sua morte, em 1920.

Maria desempenhou seu papel de esposa e mãe muito bem. Mostrou logo que sabia o que queria, enérgica e determinada. Ela nunca foi madrasta, era por todos tratada como mãe. Durante a vida inteira era chamada de “mama”. Passou por altos e baixos, viveu os últimos anos de sua vida em situação um tanto precária, mas nunca ouviu-se dela uma só queixa.



Maria Altenburg

A família toda, netos e bisnetos tornou-se dela. Mesmo já bem idosa, mostrou interesse por todos. Sabia onde moravam, o que faziam, quantos filhos tinham, quem casava, quem nascia e sofria com a morte de alguém. Como ela alcançou uma idade avançada, viu partir muitos antes dela.

Eu mesma fui saber, já bem crescadinha, que ela não era realmente minha avó, que eu descendia de Clara, de quem herdei o nome.

A grande família espalhou-se mundo afora. De algum modo todos mantinham contato com ela, tratando-a com carinho e respeito. O dia 31 de janeiro, aniversário dela, era sempre muito festejado e as datas como 90 anos e 95 anos reuniram grande parte dos parentes, alguns vindo de lugares distantes.

Até o fim, com 98 anos, manteve-se lúcida, mostrando interesse por tudo que acontecia. Nunca demonstrou medo da morte. Um dia ela me disse: Grete, tive um sonho muito lindo. Vi o meu enterro. Tinha muitas e muitas flores. Foi muito lindo!

Tempos depois, quando realmente aconteceu, lembrei-me do sonho dela, e tinha muitas e muitas flores mesmo!

Escrevo estas linhas para homenagear esta grande mulher. Só sinto não ter dito isto a ela em vida e penso sempre nas perguntas que gostaria de ter feito a ela.

Autores Catarinenses

- **Estórias de
Charlot**
- **Patrianova**
- **Lobato
em Santa
Catarina**

TEXTO:

**ENÉAS
ATHANÁZIO***



Estórias de Charlot

Tenho a impressão de que a crônica literária, no Brasil, está em declínio. Gênero leve, por isso às vezes considerado fácil, o que é um equívoco, ela exige do escritor qualidades indispensáveis, destacando-se a capacidade de síntese e agudo senso de observação. O cronista tem que andar sempre com as antenas ligadas para captar os assuntos “cronicáveis” no cotidiano da vida e lhes dar o entranjamento literário, transformando-os em autênticas peças de literatura. Como esses assuntos não aparecem assim com tanta frequência, não podem ser desperdiçados por eventual distração. Captado o tema, cumpre transpô-lo para o papel de forma sintética e leve, em geral com humor, para que o leitor saboreie numa leitura agradável aquele fiapo de vida. Essas exigências devem explicar a razão de existirem tão poucos cronistas militantes entre nós, isto é, cronistas verdadeiros, porque muita coisa que se publica com esse nome não se enquadra no gênero.

Tivemos, e ainda temos, grandes cronistas no Brasil. Merecem lembrança Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Henrique Pongetti, Otto Lara Resende, Flávio Rangel, Carlos Heitor Cony e o “hors-concours” Rubem Braga. Isso sem falar nos antigos, como Machado de Assis, João do Rio e Lima Barreto. Muitos deles fizeram escola e ainda hoje podem ser lidos com prazer.

Também em Santa Catarina tivemos, e ainda temos, grandes cronistas. Tito Carvalho merece referência entre os mais antigos. Mais tarde, Holdemar Menezes, Jair Francisco Hamms, Flávio José Cardozo e Carlos Adaute Vieira, este o único que continua produzindo e publicando. Seu recente livro “Saborosas Estórias Curtas de Charles D’Oleuger” (Editora Letra D’Água – Joinville – 1999) reúne cerca de 60 crônicas selecionadas que fornecem uma boa mostra de sua produção.

* Escritor e Advogado.

Hábil no captar as situações no que elas têm de inusitado, Charles D'Olengèr, ou Charlot, apurou sua arte como poucos e se transformou no cronista impecável que é. Autor de crônicas vivas, leves e cheias de humor e sentimento, nada lhe escapa nessas histórias curtas, nunca mais longas que o indispensável, e que a gente lê com renovado prazer. Seu livro merece a atenção dos amantes de um gênero de que Charlot é nosso expoente maior.

Patrianova

Faleceu no ano passado, em 16 de junho, o conhecido historiador e linguista Hermes Justino Patrianova (1910/1999). Nascido em Imarui, radicou-se em Itajaí, onde desenvolveu intensa atividade cultural e jornalística. Tive frequentes contatos com ele quando nos propusemos a criar um núcleo da Associação Catarinense de Escritores (AFESC) no Litoral Norte e que acabou não acontecendo.

Estudioso do tupi-guarani, tradutor desse idioma e “expert” em toponímia e etimologia, assuntos sobre os quais era sempre consultado por outros pesquisadores, a exemplo do meu colega José Alberto Barbosa, também investigador das coisas da História. Desenvolveu contínua atividade jornalística, escrevendo para várias publicações e até editando um jornal onde tratava dos temas de seu interesse.

Publicou o volume “Pequeno Livro”, comentado por mim na época, uma mostra do que é sua obra a que chamava “Grande Livro”, um dicionário de topônimos brasileiros com tradução dos de origem indígena, com cinco ou seis alentados volumes, obra que deixou inédita. Apesar de seus esforços, Patrianova não conseguiu dar a público o trabalho de toda uma vida. Às dificuldades normais para editar em nosso Estado, somaram-se os empecilhos da política miúda e das ciúmeiras locais. Vamos esperar que algum editor decida publicar a obra antes que o tempo torne difícil e tudo acabe se perdendo.

O historiador José Alberto Barbosa, em boa hora, sugeriu providências para a preservação do acervo do pesquisador falecido. Esperamos que sejam acatadas e tornadas realidade para que esse trabalho tão logo e persistente não tenha o mesmo fim melancólico de tantos outros.

Lobato em Santa Catarina

A Editora Grifos, ligada à Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), publicou o interessante volume “Monteiro Lobato” (1999), dentro da série “Contadores de História” e com o objetivo explícito de fornecer elementos

aos professores de primeiro e segundo graus de literatura infantil sobre autores consagrados ou não.

O livro contém uma conferência de Marco Antônio Chaga, professor da UFSC, sobre literatura infantil, abordando questões como estratégia de mercado, as famigeradas “fichas de leitura”, a necessidade de entender a educação como formação de um “sujeito crítico”, a idéia do gênio ou super-dotado que não precisa ler porque já sabe, a chamada “inteligência emocional”, tão em voga, a inclinação de dar sentido a tudo (excesso de hermenêutica), a liberdade de escolha de leitura, a proibição de livros e outros aspectos interessantes.

Em seguida é publicado ensaio de Otavio Frias Filho, escrito por ocasião do cinquentenário da morte de Lobato (1998). Centrado no livro “Furacão na Botocúndia”, que pretende ser biografia mas não passa de reportagem, o ensaio comete injustiças contra o escritor, entre elas a ferina investida contra sua obra adulta. Fica a impressão de que o autor é incapaz de sentir o que Lobato escreveu e isso o leva a julgamentos absurdos.

Além disso, para ele, as realizações culinárias de Tia Nastácia podem ser tomadas “como metáforas sexuais, o que se ajusta ao estereótipo da mucama analisado, no mesmo passo, por Gilberto Freyre” (p. 41). Ora, ora! Pois não é que o ensaísta caiu no excesso de hermenêutica de que tratou o professor Marco Antônio?

Na mesma trilha de “Furacão na Botocúndia”, o ensaísta investe contra Edgard Cavalheiro, considerando-o “apologista” de Lobato. Ora, como biografia, a obra de Cavalheiro é superior ao livro acima referido em todos os sentidos e até hoje não foi superada, coisa que nem mesmo a exagerada propaganda de “Furacão na Botocúndia” consegue esconder. O biógrafo de Lobato ainda é Cavalheiro, o resto é “marketing”.

Sobre outros aspectos o ensaio de Frias contém conclusões interessantes e boas contribuições aos estudos lobatianos.

O livro se completa com um texto infantil de Lobato, cronologia e relação de obras, ambas muito incompletas, o que é uma pena. Mas o livro, no conjunto, contribui para enriquecer uma das maiores bibliografias sobre autor brasileiro e tem o mérito de ser catarinense.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=11 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=11 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)

✂ ————— ✂ ————— ✂ —————

☒ Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de 2000 (Tomo 41). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:



Forma de pagamento:

☐ Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

☐ Cheque

Banco:

Número:

Valor: R\$

Dados do assinante:

Nome:

Endereço:

Bairro: Caixa Postal:

CEP: - Fone p/ contato:

Cidade: Estado:



.....

Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

Aiga Barreto Mueller Hering

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

Mark Deeke

Victória Sievert

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Cremer S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Cia. Hering

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

Madeiraira Odebrecht

Transformadores Mega Ltda.

Unimed Blumenau



TOMO XLI
Julho de 2000 - Nº. 07

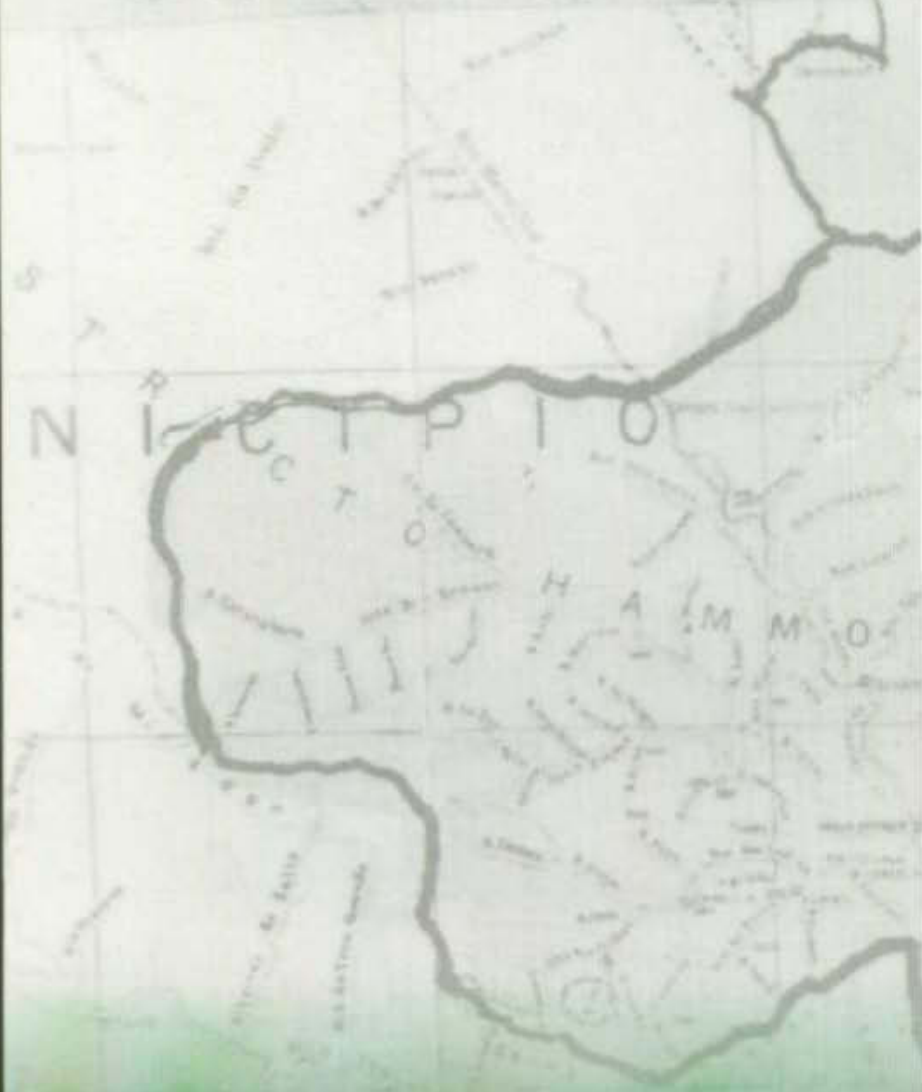


Blumenau, até o ano de 1930, contava com uma área territorial de 10.610 km², distribuídos entre 11 distritos. O Governo Estadual, sob a alegação de serem os distritos dotados de população, território e desenvolvimento econômico, através de decretos, iniciou o desmembramento do grande Município.

Um clima tenso se criou, o povo de Blumenau insurgiu-se contra o retalhamento e foi às ruas protestar sob a forma de passeata, munido de cartazes e faixas, demonstrando todo o seu descontentamento.

Os discursos inflamados e o engajamento da população aumentaram a animosidade e resultaram na prisão de alguns mais exaltados. Esta manifestação ocorreu em 1934 e ficou registrada na história regional como "**Movimento por Blumenau Unido**".

Desmembramento De Blumenau



A M GRANDE VIVA
NAU.UMENAU o nosso
o!!! SO!! BRASIL

